

FATIMA 50

Ano III - Nº 36

13/Abril/1970

INTERNATIONAL

1246





Fotografia feita em 13 de julho de 1911
nos Doads de Torres - Pernambuco, Luísa e Francisco,
filhos de Josefa Belaguing de Salome, depois
das aparições d'essa mãe, no Corde do Lúia
por José Felício

FRANCISCO MARTO

Estamos a encerrar o cinquentenário da morte do pequeno vidente Francisco Marto, ocorrida ao despontar da sexta-feira de 4 de Abril de 1919. Uma criança de 10 anos e quase 10 meses de idade ocupa o primeiro plano nas revistas e jornais fatimitas, aparecendo como modelo de virtudes para todos os cristãos, como aquele que melhor soube cumprir a mensagem da Virgem. Anuncia-se o estado adiantado do seu processo de beatificação e canonização, para cuja glorificação se pedem as preces de todos.

Vale a pena perguntarmo-nos com muita lealdade: — Pode pensar-se ainda em beatificações e canonizações, mesmo depois do Vaticano II? Não será este um dos gestos «triumfalistas» da Igreja e uma atitude antiecumênica? E quando o candidato à glorificação, significada materialmente pela glória de Bernini, é o humilde vidente Francisco Marto, perguntamos: — Que poderá significar a sua santidade para o mundo de hoje?

Poderíamos multiplicar as perguntas, as quais, sem dúvida, devem encontrar uma resposta adequada. Interrogações reais para muitos crentes, já que Francisco viveu num meio distinto do nosso, com uma mentalidade própria do seu tempo, sem grandes méritos culturais e sem ter exercido uma notável acção no mundo. Foi uma criança a quem a morte ceifou em tenra idade.

FÁTIMA·50

INTERNACIONAL

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA

Ano III - N.º 36 - 13 Abril 1970

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção: MÁRIO DE FIGUEIREDO

NESTE NÚMERO:	Francisco Marto	3
	Notícias de Fátima	6
	Dois pastorinhos a quem a Virgem falou	10
	Cristo para o homem de hoje	13
	História da Urbanização da Cova da Iria	16

Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA · Telef. 97468

Composto e impresso por
GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

Quando se trata de grandes artistas ou de insignes cientistas, de brilhantes heróis ou de outros que contribuíram em larga medida para o progresso da humanidade e para o desenvolvimento das civilizações, é natural que se celebrem os seus cinquentenários e centenários. Igualmente se celebram aqueles santos que exerceram um apostolado notável ou foram homens de grande influência na marcha da história da Igreja. Mas valerá a pena comemorar a morte e glorificar a memória de Francisco de Fátima, o humilde pastorinho de Aljustrel.?

As presentes linhas pretendem ser um convite a uma resposta profunda às interrogações formuladas e, ao mesmo tempo, uma singela homenagem ao carisma de santidade do pequeno vidente no encerramento do seu cinquentenário. Creio que devemos meditar no valor eclesial da sua santidade original e nas características da sua vida espiritual.

IGREJA DE SANTOS

A Igreja é santa. Santa porque é sacramento visível de Cristo, porque pode comunicar, através da Palavra e dos Sacramentos, a vida divina aos seus membros. Nela é proclamada e ensinada uma Palavra que anuncia uma salvação a realizar-se; nela são administrados uns Sacramentos, por meio dos quais se pode efectuar um encontro com o Senhor.

Mas, além desta santidade «objectiva», existe uma santidade «subjectiva», a dos membros do Corpo de Cristo, cheios de graça e de virtude. É possível alcançar essa santidade. A realidade da nova criação em Cristo, que muda o homem velho do pecado pelo homem capaz de uma aliança de amizade com Deus, é uma consoladora realidade.

A Igreja é constituída por crentes que, peregrinando pelos caminhos do Mundo, sujeitos à tentação e ao pecado, vão crescendo em santidade e em verdade. Sabem que a vitória de Cristo glorificado, vencedor do pecado e da morte, é a melhor certeza de que também eles poderão alcançar a vida eterna em plenitude.

Apesar da realidade das nossas ofensas de cada dia, existe efectivamente a certeza de que os princípios da iniquidade vão cedendo terreno ao reino da Graça. A Igreja é um povo peregrino que, embora caminhe por entre as dificuldades de um mundo que passa, leva já em si a certeza da redenção final. A salvação já está decretada, embora esteja ainda pendente da condição dos viadores que caminham de fé em fé, de esperança em esperança, ansiando a plenitude da caridade.

A Igreja, por isso, tem necessidade de ir dando testemunho desta santidade. Deve ir recordando aos seus membros que, apesar das dificuldades da vida terrena, a graça de Deus vai realizando os seus prodígios. Não lhe basta proclamar a santidade das suas instituições e doutrinas; é-lhe necessário ir atestando como tal santidade «objectiva» existe realmente concretizada em muitos dos seus membros.

É este o motivo que a leva a ir beatificando e canonizando alguns. Deseja chamar a atenção para a consideração da realidade da santidade da Igreja não só enquanto sacramento e instrumento de salvação, mas sobretudo enquanto pátria de uma «nuvem de testemunhas» dessa salvação. Deseja apresentar ao mundo esses santos em quem a transparência da santidade é tão evidente que nos obriga a louvar a Deus — como escreve S. Paulo — nesses «eleitos que Ele predestinou a reproduzirem a imagem de Seu Filho, que Ele chamou, e, chamados, os justificou, e, justificados, os glorificou» (Cfr. discurso de Paulo VI na beatificação dos mártires da Coreia em 5/X/1968).

É uma necessidade vital para a Igreja ir atestando com as obras dos seus melhores membros as maravilhas da graça divina, da vida de caridade. Por isso, vai aumentando sem cessar a lista inumerável daqueles que, com as suas vidas, foram a melhor concretização da vida segundo o Espírito, da vida da Caridade. Não lhe basta anunciar que existe uma história de salvação; ela deve poder apontar para um número considerável de crentes onde esta salvação se tornou consoladora realidade.

Não poderá a Igreja deixar de ir contemplando esses cristãos que, com as suas obras e palavras, com os seus frutos espirituais, servem de testemunho eloquente de santidade. «A glorificação dos seus santos — escreve Carlos Rhaner — pertence ao seu ser mais próprio, e não é apenas um assunto marginal empreendido unicamente devido à necessidade humana de dar culto aos heróis.»

Cada santo é original. Cada qual possui um carisma distinto dentro da comunidade eclesial em que vive. Tanto cumpre a vontade de Deus aquele que enriquece a Igreja com novas famílias religiosas como aquele que, no tremendo quotidiano da sua humilde existência, sabe encontrar o caminho da sua perfeição em Cristo. Os santos manifestam como a santidade se pode viver em qualquer momento histórico ou condição social ou actividade humana. Como é admirável a Igreja nos seus santos!

Os santos canonizados são, segundo o pensamento do eminente teólogo citado, os iniciadores e os modelos criadores de uma santidade contingente proposta como tarefa a um determinado período. Eles criam um novo estilo. Demonstram que uma forma determinada de vida e de acção é uma autêntica possibilidade real de santidade; mostram experimentalmente como «assim» se pode ser cristão; convertem em fidedigno um tipo cristão.

Ao contemplar os santos canonizados ou em vias de glorificação, o Povo de Deus encontra novas e originais formas de se viver a mesma santidade, a mesma vida de caridade. Os santos afirmam com as suas vidas como o Evangelho é capaz de transformar qualquer existência humana, como o pecado pode ser vencido para dar lugar ao bem e à virtude.

São modelos que «nos impelem a procurarmos a Cidade futura; ao mesmo tempo, aprendemos a descobrir no estado e condição de cada um, qual é o caminho mais seguro para chegarmos, por entre as vicissitudes deste Mundo, até a união perfeita com Cristo» (L. G. n.º 50). Os santos são a melhor certeza de que, seja qual for a situação em que decorra a existência, todos somos chamados à santidade cristã.

Francisco Marto viveu o cristianismo de um modo original, como qualquer cristão. Viveu em um determinado momento histórico, num lugar bem

concreto, num contexto carismático único. Mas, apesar disso, não deixa de ser exemplo concreto da santidade da Igreja e modelo a imitar. Não uma imitação servil e estéril do accidental, mas uma imitação da sua atitude de disponibilidade à graça divina, que o chama às metas da caridade.

O CONSOLADOR DE JESUS

Em que poderá ser Francisco um exemplo para os jovens de hoje? Uma criança analfabeta, apenas com dez anos de idade, vivendo numa pobre aldeia da serra, como poderá fascinar com a sua vida os cristãos dos nossos dias? Terá ele alguma mensagem a dizer aos que o contemplam? A resposta seria difícil de formular se, como já dissemos, entendêssemos tal imitação como uma cópia mecânica dos seus gestos, das suas palavras. Mas trata-se de uma imitação a um nível mais profundo.

Eloquente na sua extrema simplicidade, Francisco Marto pode servir de exemplo aos jovens que ainda buscam os valores do espírito como norma de vida e acção, que se deixam ainda seduzir por nobres ideais, pela vida de amor ao Senhor como Aquele que pode encher as suas vidas de sentido e satisfazer as suas melhores ânsias humanas.

Francisco viveu o Evangelho à sua maneira, possuiu uma espiritualidade original. A nota dominante que nos fica, depois de lermos e meditarmos na sua tão curta biografia, é, sem dúvida, a sua preocupação pelo pecado que ofende a Deus e o ardente desejo de O consolar. Absorve-o quase totalmente o pensamento de reparação das ofensas dirigidas contra Deus.

A prima Lúcia, na reconstituição que fez dos diálogos do pequeno vidente, repete, nas mais variadas tonalidades, o mesmo pensamento dominante: «Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste por causa de tantos pecados. Nós nunca havemos de fazer nenhum?! Tenho pena dos pecadores, mas tenho ainda mais pena de Nosso Senhor. Queria primeiro consolá-Lo». E, para motivar os seus sacrifícios, as suas mortificações corporais, dizia às outras videntes: «Mas que pena Deus estar tão triste! Se eu O pudesse consolar! Ele ainda está tão triste! Eu ofereço-Lhe todos os sacrifícios que posso arranjar».

Não lhe peçamos uma explicação teológica do pecado, da ofensa a Deus. Não lhe perguntemos como pode Deus ser ofendido pelo ódio e egoísmo dos homens. Poderemos, porém, aprender como uma criança de tenra idade, levando uma existência simples e vulgar, soube viver uma profunda espiritualidade à maneira de comunhão com Deus ofendido pelos pecados do mundo.

A preocupação pelo pecado é um dos pontos básicos de qualquer espiritualidade. Ele é a verdadeira miséria que levou Jesus à morte, como o atesta o primitivo kerigma (I Cor. 15, 3). Ele é afastamento de Deus, recusa a viver com Ele numa íntima relação de amizade. Não se trata apenas de uma fria transgressão a leis naturais e positivas. A sua gravidade

está, sobretudo, no facto de ser uma recusa de aliança de amor com Deus Criador e Salvador.

Razão tinham os pastorinhos da Cova da Iria de odiarem o pecado e de rezarem sem descanso pela conversão dos pecadores. A preocupação pelos pecadores era o seu pão de cada dia. Preocupação por aqueles que vivem em oposição ao amor de Deus e escolheram aos irmãos os caminhos do ódio da desarmonia e da discórdia.

Unida ao pecado, estava a imagem do inferno, o horror ao inferno. Este foi no passado demasiado «coisificado», até se chegar a reduzi-lo a um lugar de tormentos eternos semelhante à nossa maneira humana de julgar o castigo. A reacção actual a uma tal concepção não deve fazer esquecer-nos tal realidade atestada pelo Evangelho. Apesar do desejo de Deus, de que todos os homens se convertam e se salvem, existe a realidade de um endurecimento frente a Ele mesmo, de uma indiferença total e desejada, de uma inimizade obstinada no mal.

O ódio ao pecado e o horror ao inferno continua a ser uma atitude válida, também para os cristãos pós-conciliares. Mas a característica do Francisco, como dizíamos, é a de ser o Consolador de Jesus ofendido, a de viver preocupado com as repercussões que o pecado tem no coração de Jesus. Foi deste modo que vibrou a sua delicada sensibilidade sobrenatural. Escreve Lúcia que «enquanto Jacinta parecia preocupada com o único pensamento de converter os pecadores e livrar as almas do inferno, ele parecia só pensar em consolar Nosso Senhor e Nossa Senhora, que lhe tinham parecido estarem tão tristes».

Poderá Deus sofrer com os pecados e as ingratidões do mundo que recusa o Seu amor? Será necessário consolá-Lo pelas ofensas dos homens, uma vez que o sacrifício redentor de Jesus já teve lugar uma vez por todas? Decerto que, embora Jesus já tenha sido constituído em Kyrios glorioso, pode existir uma espiritualidade que procura reparar e consolar a Deus pelos pecados do mundo.

Os documentos da Igreja dizem-nos que, embora o Senhor já tenha padecido na Sua paixão dolorosa, «Ele nesse momento conhecia, em virtude da Sua visão imediata de Deus e da Sua ciência infusa, a expiação e a satisfação, isto é, a compaixão dos homens de todos os tempos, também a dos homens posteriores a Ele. Graças a esse saber, pôde tirar consolação para o Seu coração humano de tal compaixão amorosa» (Miserantissimus Redemptor, Pio XI).

Este desejo de consolar o Senhor que sofre, apesar de ter já sido glorificado, talvez seja um aspecto religioso que nem todos os cristãos saibam captar com toda a sua profundidade. Não se pode exigir aos cristãos de hoje que baseiem a sua espiritualidade numa actualização dos sofrimentos do Senhor, motivados pelos pecados da humanidade, e numa atitude constante de reparação e consolação. Mas todos devem participar de algum modo, com os seus sacrifícios e vida quotidiana, na imitação de Cristo.

Toda a Sua vida foi uma luta contra o mal, contra o pecado. Este levou-O à morte de cruz; mas o Pai aceitou o Seu sacrifício, e glorificou-O. A vida dos cristãos deve ser também uma luta contra o pecado e contra tudo o que se opõe ao amor de Deus e do próximo. Assim consolaremos o nosso Deus. Assim viveremos do mesmo espírito que consumia a alma de Francisco.

CONCLUSÃO

Francisco Marto está a caminho da glorificação. Não sabemos para que dia está reservada a verificação da Igreja de como ele viveu um autêntico cristianismo. Não sabemos quando a sua santidade original será reconhecida como «modelo» a imitar. Isso não impede que, sem exagerados patriotismos, continuemos a meditar na santidade dos videntes de Fátima e a procurar neles um modo de cumprir concretamente a mensagem da Senhora.

Não se pode separar a vivência cristã do Francisco da compreensão carismática que ele teve dos pedidos de Nossa Senhora. Se Fátima é mensagem para os

nossos dias, também o exemplo do pastorinho é para ser imitado naquilo que tem de permanente e válido. Preocupar-se pelos pecados dos homens e desejar sofrer com o Senhor, unindo-nos à Sua tristeza humana para com Ele sermos glorificados, é comungar dos mesmos sentimentos que Cristo teve.

O importante é não separar a meditação das virtudes dos servos de Deus do mistério de Cristo. Cada cristão possui uma santidade que é uma participação da santidade do único que pode ser chamado Santo, três vezes Santo. Cristo é sempre o protótipo último de toda a santidade, de toda a vida de amor a Deus, que irradia à sua volta um amor incondicional aos irmãos.

NOTÍCIAS DE FÁTIMA



PEREGRINAÇÃO DE 13 DE MARÇO

Com a assistência de sete bispos — sr. Cardeal-Patriarca de Lisboa, que presidiu, arcebispo de Mitilene, bispos de Leiria, Coimbra

e Guarda, e auxiliares de Leiria e de Coimbra —, muitos sacerdotes e milhares de fiéis, efectuou-se a peregrinação de 13 de Março, desta feita comemorativa do 50.º aniversário da morte dos pastorinhos Francisco e Jacinta Marto. Entre os peregrinos notava-se a presença de centenas de pescadores das praias da Nazaré, Torreira e Gafanha que deram às cerimónias em que participaram

o colorido dos seus trajes e aparelhos de pesca, e o tom da sua grande fé e profunda devoção mariana.

Depois de rezado o terço, junto da capela das Aparições, a imagem de Nossa Senhora de Fátima foi conduzida para o alto da escadaria e colocada ao lado do altar exterior da Basílica. Ali, eram 11 horas, o sr. Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel



Homens do mar, de vários pontos do País, transportaram o andor com a imagem de Nossa Senhora de Fátima.



Gonçalves Cerejeira, presidiu à concelebração da Eucaristia, na qual tomaram parte os outros prelados e mais quinze sacerdotes mais ligados à história de Fátima

e propagação da Mensagem de Nossa Senhora contando-se, entre eles, nomeadamente, o padre Luis Kondor, S. U. D., postulador da Causa de Beatificação dos Videntes.

Após a leitura do Evangelho o bispo de Coimbra, D. Francisco Rendeiro, proferia uma homilia cujo texto reproduzimos, na íntegra, noutra local deste número.





No fim da missa o bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria.

Seguiu-se a bênção dos doentes que impartiu, com o Santíssimo Sacramento, o sr. Cardeal-Patriarca.

Antes da procissão do «Adeus», D. Manuel Gonçalves Cerejeira dirigiu algumas palavras aos peregrinos, sobretudo para lhes pedir orações pelo Papa cujos sofrimentos a pequena Jacinta previra.

Os marítimos conduziram o andor com a imagem de Nossa

Senhora até à Capelinha das Aparições.

A tarde, no salão de festas do Seminário do Verbo Divino, foi representado o Auto da Rainha dos Céus, da autoria do poeta Miguel Trigueiros, que fez a apresentação, encenado pelo dr. Eurico Lisboa Filho.

Os membros da Pia União de Servitas costumam anualmente realizar em Março a sua peregrinação oficial a qual coincide com o retiro espiritual em que costumam tomar parte.

As cerimónias estiveram presentes muitos membros da Pia União, dos quais, 34 frequentaram um curso de formação dado pelo director do Movimento para um Mundo Melhor, padre João Pedro Cubero, pelo seu adjunto, padre António Fernandes e com intervenções do casal Cruz Martins, de Beja.

No dia 13 principiou o retiro em que participaram 70 membros da Pia União e orientado pelo padre Manuel dos Santos Craveiro, director desta Associação.



Um friso de Servitas de Nossa Senhora de Fátima

DOIS PASTORINHOS A QUEM A VIRGEM FALOU

HOMILIA DE D. FRANCISCO RENDEIRO
NA COVA DA IRIA
NO DIA 13 DE MARÇO

No breve espaço de 10 meses, entre 4 de Abril de 1919 e 20 de Fevereiro de 1920, voaram para o Céu os dois irmãozinhos Francisco e Jacinta Marto. Estamos no cinquentenário destas duas mortes, anunciadas por Nossa Senhora com grande precisão.

Porque se trata de dois protagonistas dos acontecimentos de Fátima, de duas crianças que apresentam uma reacção singular a esses acontecimentos, penso que vale a pena debruçarmo-nos sobre elas.

Todos sabem que já foram iniciados os seus processos de beatificação; quer dizer que as suas vidas parecem poder constituir um exemplo a apresentar amanhã à cristandade inteira, pela correspondente declaração da heroicidade de virtudes e pela atribuição das honras dos altares.

CAMINHOS DA GRAÇA

Por isso pensei que, na homilia desta missa comemorativa da morte dos pequenitos, poderia demorar-me uns instantes a meditar convosco os **caminhos da graça** nas almas do Francisco e da Jacinta.

Vou esforçar-me por não me demorar demasiado naquilo que foi graça única, só a eles concedida; prefiro fixar os aspectos que podem ser comuns, e por isso mesmo constituir mais facilmente um exemplo para todos nós.

Cristo declarou que há muitas moradas na casa do Pai; e por conseguinte haverá muitos caminhos

para chegar a essa casa. O Espírito do Senhor sopra onde quer e como quer; mas os rumos desse vento misterioso que leva as almas para Deus, são rumos bem definidos, com trajectórias que se podem facilmente conhecer.

Um primeiro elemento da santidade destas duas crianças é incontestavelmente a família.

Muitos santos, hoje canonizados, nasceram e cresceram no seio de uma família santa; às vezes temos a impressão de que os pais não transmitiram aos filhos o pecado original, mas sim a graça e a santidade. Os pais de Francisco e Jacinta talvez não venham a ser canonizados, nem isso importa; não se terão distinguido muito dos outros pais da sua aldeia, mas a verdade é que no lar onde essas crianças nasceram respirava-se um ambiente inteiramente cristão, que assentava na base de uma sólida honestidade natural.

Também é certo que a graça pode transformar profundamente uma alma criada num ambiente adverso, mas normalmente Deus escolhe canteiros apropriados para aí fazer desabrochar as suas flores.

O amor à verdade — não se mente — era uma norma fundamental da educação naquela família; norma que muito havia de fazer sofrer os pequenitos, quando alguém insinuou que a história das aparições fora inventada por eles. Foi precisamente para não mentirem que eles permaneceram tão firmes nas afirmações que faziam.

O amor à pureza era outra característica daquela família; divertimentos, palavras, atitudes pessoais, tudo ali era honesto, delicado e puro.

A piedade cristã na oração, na missa dominical, na recepção dos sacramentos, era outra característica marcante naquela família.

Talvez os pais não se distinguissem muito dos outros nestas virtudes naturais e sobrenaturais, mas cultivavam-nas com esmero, e assim plasmaram profundamente as almas dos seus filhos.

Quando chegou a hora das graças extraordinárias, o Senhor já tinha o caminho aberto e o terreno preparado.

Se faço referência a esta obra dos pais é porque hoje, como sempre, precisamos de convencer-nos de que a educação cristã não pode limitar-se aos indivíduos, há-de fazer-se nas comunidades; e as famílias continuam a ser a base e fundamento das outras comunidades.

EXPERIÊNCIA MÍSTICA NUM DIÁLOGO DE BREVES MINUTOS

A 13 de Maio de 1917, a Jacinta tinha 7 anos e o Francisco quase 9.

Nesse dia abre-se para eles um caminho novo. Rasga-se o firmamento, e a seus olhos espantados mostra-se uma figura branca, brilhante de luz, que lhes diz ser do Céu.

A aparição promete-lhes que irão para o Céu, e lança-lhes esta pergunta extraordinária:

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»

— Sim, queremos.

Neste diálogo de breves minutos, aquelas crianças fizeram a experiência mística que marcou o rumo das suas vidas.

Estão aqui os elementos fundamentais da espiritualidade dos videntes. Os outros encontros com a Aparição desenrolam e concretizam esses elementos; o essencial, porém, está no primeiro diálogo.

O primeiro elemento é o Céu, o Céu de onde a Senhora vem, o Céu que Ela promete aos seus interlocutores. Estamos em cheio perante a escatologia da vida humana. Deus criou-nos para o Céu, o cristão é um peregrino a caminho do Céu. A Senhora vem do Céu, os pequenitos irão para o Céu, embora tenham ainda que esperar algum tempo, tenham que sofrer muitas contrariedades, tenham que rezar muito. No Céu já está uma rapariga sua conhecida, falecida há pouco; no purgatório, portanto a caminho do Céu, está outra também conhecida.

Diz-se que foi João XXIII em pessoa que mandou estudar o Capítulo VII da **Lumen Gentium**, e o Concílio deu-lhe a redacção que hoje tem.

A Igreja quer que os cristãos olhem para o Céu como para a meta do seu peregrinar, que pensem no Céu, que desejem o Céu e façam por lá chegar, a fim de merecerem ouvir um dia a sentença: **vinde benditos de meu Pai, para o Reino que vos está preparado desde toda a eternidade.**

O outro elemento é o risco da perdição, o risco do inferno, que a Senhora havia de mostrar claramente aos pequenitos na terceira aparição.

O pecado leva à perdição, leva ao inferno. Os pequenos viram os condenados e ficaram horrorizados; horrorizados por essa visão, e também pelo presentimento da tanta gente que vai a caminho da perdição.

A Aparição havia de dizer-lhes claramente que vinha por causa do pecado, porque Nosso Senhor estava muito ofendido.

E então surge o elemento decisivo da mensagem dirigida aos pequenitos, com uma delicadeza extrema, em forma de pergunta, que respeita inteiramente a liberdade das crianças:

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»

A resposta saiu espontânea, com uma simplicidade e uma generosidade encantadoras — **Sim queremos.**

É o **sim** da criatura à proposta de Deus; o **sim** da liberdade e do compromisso, que marca o rumo de uma vida inteira.

Este **sim** dos pastorinhos é o **sim** de todas as almas generosas que dizem com verdade: **seja feita a vossa vontade.**

Quando o **sim** é dado sem reticências comporta uma entrega total da criatura nas mãos do Criador. Em resposta a esta entrega há quase sempre, da parte de Deus, uma tomada de posse. Na boca dos santos encontramos muitas vezes expressões que dizem maravilhosamente o que se passa então: O Todo-Poderoso fez em mim **grandes coisas**, diz a Virgem Santíssima; **vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim**, exclama S. Paulo.

Quando isto acontece, a vida humana entra verdadeiramente na órbita de Deus, por um acto inteiramente livre, que permite dizer com toda a verdade: **eu vivo, mas já não sou eu que vivo.**

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA DOS PASTORINHOS

Na linguagem clássica da teologia espiritual, dizemos que é o Espírito Santo, com os seus dons, que actua na alma.

Penso que seria muito interessante fazer um estudo sobre os dons do Espírito Santo na vida dos pastorinhos; encontraríamos neles uma concretização admirável dos dados da teologia espiritual.

A maneira de exemplo, seja-me permitido falar dos dons da fortaleza e do entendimento, que me parecem os mais salientes e os mais em contraste com a tenra idade dessas crianças.

É difícil saber onde começa o dom da fortaleza, porque é difícil apreciar os limites da resistência natural. Mas quando vemos crianças desta idade suportar a insistência da família que pretende levá-las a desdizerem-se, quando as vemos recusar o dinheiro e as jóias que lhes ofereciam para contarem o segredo da Aparição, e sobretudo quando as vemos enfrentar decididamente a perspectiva do martírio, para não traírem esse mesmo segredo, temos de reconhecer que estamos diante de atitudes que não se explicam simplesmente pela força humana.

O cristão precisa absolutamente da fortaleza para ser fiel à sua vocação, para perseverar na prática da virtude, para vencer as tentações de cada dia. Mas há horas decisivas em que podemos encontrar-nos perante o dilema tremendo da apostasia ou da fidelidade ao preço da própria vida. Os pastorinhos encontraram-se nessa conjuntura, quando o Administrador de Vila Nova de Ourém os ameaçou com o caldeirão de azeite a ferver. A ameaça era fictícia, mas as crianças pensavam que era verdadeira e marcharam decididamente para a perspectiva da morte.

Poucos anos antes, outra criança, da mesma idade, Maria Goretti, viu um punhal apontado ao peito para a forçar a um acto impuro, e também não hesitou. Preferiu morrer, como de facto morreu, atravessada por esse punhal, antes que perder a sua virgindade.

Actos destes são decisivos e não se explicam sem uma intervenção especial de Deus, pelo dom do Espírito Santo.

O martírio é o grande sinal da fidelidade ao Senhor; os pastorinhos não hesitaram, e foram para um martírio que não chegou a consumir-se.

O outro dom do Espírito Santo, que aparece muito claro na vida dos pastorinhos, é o entendimento.

No Evangelho Nosso Senhor agradece ao Pai ter revelado os seus mistérios aos pequeninos e humildes, e tê-los escondido aos sábios. O dom do entendimento vai incomparavelmente mais longe do que a inteligência humana, na penetração das verdades e em tudo o que diz respeito à ordem sobrenatural.

Um dos mistérios mais difíceis de penetrar é o mistério do pecado e o da sua reparação.

Na mensagem da Senhora o ponto essencial é o da revelação de Deus ofendido por causa dos nossos pecados, e, depois, é o pedido de orações e sacrifícios para reparar as ofensas e converter os pecadores.

O pequenino Francisco inclinou-se mais para a reparação da ofensa a Deus; consolar Jesus ofendido era a sua grande paixão. A Jacinta inclinou-se mais para a conversão dos pecadores; ela queria mostrar o inferno a toda a gente, para os livrar de cáirem nesse abismo.

PELA SALVAÇÃO DOS PECADORES

Então cada um dos pequenos procurava todas as maneiras de fazer sacrifícios pelos pecadores: era a privação da merenda que davam aos pobres ou aos animais, era a sede prolongada que suportavam durante os longos meses de Verão, não bebendo água nenhuma, ou bebendo-a suja, para maior penitência, era a corda com que se apertavam de dia e de noite, era depois o sofrimento na doença, que os levou à morte. Todas estas mortificações são impressionantes; mas o motivo que os levava a fazê-las é mais impressionante ainda: a salvação dos pecadores.

A história da espiritualidade cristã tem exemplos de grandes heróis da caridade: é S. João de Deus percorrendo de noite as ruas de Granada para recolher no seu hospital os doentes abandonados, e depois lançando-se às chamas para os salvar do hospital que ardia; é S. Vicente de Paulo acorrendo a casa

dos pobres para lhes aliviar as suas necessidades; é a nossa Rainha Santa Isabel distribuindo o pão e o dinheiro mudado em rosas, para matar a fome a todos os necessitados.

Mas para além da caridade que vai ao encontro das necessidades do corpo, há aquela que procura remediar os males da alma.

É relativamente fácil impressionarmo-nos com as necessidades do corpo. Mesmo sem fé, por simples filantropia, se pratica a beneficência.

Mas impressionarmo-nos com a sorte dos que vivem no pecado, dos que estão em risco de perder a alma para sempre, essa é a mais sublime caridade, fruto do dom do entendimento que penetra no mistério do pecado.

A luz de Deus penetrou na alma destas criancinhas de Fátima, o dom do entendimento fez-lhes compreender o risco do pecado, e levou-as a abraçarem uma vida heróica de mortificações, para livrarem os pecadores de cáirem no inferno.

Temos de ficar por aqui na meditação da mensagem dos pequeninos de Fátima. Mas antes de terminar esclareçamos um ponto que é sobremaneira importante.

Nós às vezes pensamos que o heroísmo da virtude é reservado apenas a uns poucos, a quem Deus predestina, como terá predestinado estes pequenos. Pensamos que a santidade está ligada a circunstâncias extraordinárias, como neste caso de Fátima, à circunstância das aparições.

Seria um erro pensar assim.

É DE TODOS OS DIAS O APELO DE DEUS À SANTIDADE

Lembremos mais uma vez que há muitas moradas na casa do Pai, e portanto muitos caminhos para lá chegar. Lembremos sobretudo que a santidade não se há-de identificar com acontecimentos extraordinários, mas sim com a fidelidade à graça do Senhor.

A nossa época precisa de muita doutrinação sobre a santidade, porque Deus quer fazer-nos santos, e o nosso tempo precisa de santos. Santos adultos e santos crianças, santos do povo humilde e santos das classes mais elevadas da sociedade.

É preciso lembrar às almas que a santidade está em germe na graça do baptismo e da confirmação.

Estes dois sacramentos dão-nos a presença de Deus, a presença do Espírito Santo com os seus dons santificadores. O essencial é a nossa correspondência a essa graça; correspondência que afinal está naquele diálogo da 1.ª aparição de Fátima: **Quereis oferecer-vos a Deus ... — Sim queremos.** Este diálogo, porém, repete-se misteriosamente em todos nós, nos mais variados momentos da vida. As aparições são um fenómeno extraordinário; o apelo de Deus, em forma simples, é de todos os dias:

Vamos pedir ao Senhor, na celebração deste mistério eucarístico, a graça da fidelidade; vamos pedir-lhe que nos ajude a responder aos Seus apelos com essa palavra tão simples, mas tão maravilhosa e tão comprometedora: **sim queremos.**

CRISTO PARA O HOMEM DE HOJE

HOMILIA

DO CARDEAL DINO STAFFA

durante o pontifical da Páscoa na
Basílica de Fátima a que presidiu.

A ressurreição de Cristo — facto histórico na sua realidade, mas misterioso na sua natureza e por isso acessível à fé — é o fundamento da fé cristã e constitui o seu conteúdo essencial: «Se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é vã, isto é, esvaziada de conteúdo e vã é também a vossa fé», escreve S. Paulo aos Coríntios. Mais que isso, «se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é uma ilusão», acrescenta ele.

Por isso os Apóstolos deverão ser perante o mundo «as testemunhas da ressurreição».

Mas sendo a ressurreição, um facto histórico, possível de situar num tempo preciso (na alvorada do terceiro dia depois da morte de Cristo, ocorrida na vigília da Páscoa judaica do ano 30), e num lugar determinado — em Jerusalém, na Palestina —, na sua realidade profunda e nas suas consequências coloca-se acima da história, transcende-a e recapitula-a.

Qual é, na verdade, o significado da ressurreição de Cristo? Que diz ela ao cristão e ao homem de hoje?



A missão de Cristo no Mundo era anunciar e instaurar o Reino de Deus sobre a Terra, não na sua forma definitiva, mas na de germe: anunciando que, com a Sua pessoa e a Sua obra, o Reino de Deus tinha vindo até aos homens, Jesus deixava-lhe a semente no sulco da História, para que aí germinasse e crescesse até à Sua segunda vinda no fim dos tempos.

Para instaurar o Reino de Deus, Cristo devia lutar contra Satanás, inimigo de Deus e «príncipe deste mundo»; devia destruir-lhe o reino e, ao mesmo tempo, vencer o pecado e a morte, aliados de Satanás.

Assim, a vida de Cristo assumiu um aspecto dramático: não foi um idílio, como imaginaria depois a fantasia romântica de Renan, mas foi um drama, uma luta travada por Cristo com o «poder das trevas» e com aqueles que deste poder se fizeram escravos, tornando-se voluntariamente cegos.

Epílogo desse drama foi a Paixão e a Morte de Cristo, que aparentemente pareceu confirmar a vitória de Satanás

e dos seus sequazes, mas, na realidade, marcou a destruição do reino de Satanás e a vitória sobre o pecado e a morte.

Pois que Cristo não esteve sob a morte senão por pouco tempo, a Sua ressurreição, ao terceiro dia, foi a vitória esplêndida e decisiva sobre a morte e sobre os seus demais adversários.

Mas qual a razão por que, para vencer a morte e destruir o reino de Satanás, devia Cristo morrer?

Tocamos aqui o insondável mistério da economia da salvação, que pertence só a Deus e que Ele não nos revelou claramente. O Evangelho diz apenas que «o Filho do homem deve sofrer muito e ser morto» (Lc. 9, 22) e que «era necessário que Cristo sofresse tais coisas para assim entrar na sua glória» (Lc. 24, 26), porque assim está dito nos Profetas, isto é, porque tal é a vontade do Pai, mas não diz o motivo porque o Pai assim o estabeleceu.

Mas onde a revelação guarda silêncio, não é proibido à inteligência humana procurar uma resposta aos problemas que ela põe.

Então, porque razão houve Cristo de morrer?

A resposta deve ser procurada talvez em duas direcções: na grandeza do amor de Cristo ao Pai e aos homens e na natureza do pecado.

Cristo sofreu e morreu, não porque tivesse sido constringido ou forçado pelos homens ou pelas circunstâncias, mas por Sua livre escolha: Ele quis sofrer e morrer.

Porquê?

Por amor do Pai, antes de mais. Há um laço misterioso que une o amor ao sofrimento e à morte, por maneira que estas duas coisas são o sinal mais claro e a prova mais alta daquele: «Não há amor maior do que dar a vida pelos próprios amigos» (Jo 15, 13) — disse o próprio Jesus. Assim o amor ao Pai impeliu-O a dar-Lhe a prova maior, obedecendo-Lhe até à morte, e à morte de cruz.

Mas em Jesus o amor ao Pai estava unido ao amor aos homens. Este amor constringeu-O a descer ao nível deles, a compartilhar o seu trágico destino do sofrimento e da morte, e a tomar sobre si, plenamente, a sua condição humana. Desta forma, a paixão e a morte de Cristo foram consequência de um ódio lúcido e pertinaz; mas sobretudo foram o sinal mais alto e a prova suprema do amor de Cristo.

Foi precisamente em virtude deste amor que tiveram um valor redentor, pois só o amor redime.

Assim, Cristo houve de morrer porque quis amar até ao extremo. Mas teve de sofrer também porque devia libertar o homem do pecado. Na sua essência profunda o pecado é um afastamento de Deus, que é luz e vida, e uma queda no reino das trevas e da morte.

Para salvar o homem do pecado, Cristo teve de ir procurá-lo lá, onde ele tinha caído; mas não podia destruir o pecado e a morte, que é consequência e castigo do pecado, senão tomando sobre si os pecados dos homens e a pena de tais pecados, a morte, (visto que não se destrói o pecado senão queimando-o e esgotando-o no amor e não se destrói a morte senão tomando-a sobre si e consumindo-a na vida).

Isto só Cristo, o podia fazer, que é amor e vida.

Vencer, porém, o pecado e a morte significa para Cristo ressuscitar da morte: se, na verdade, Ele tivesse ficado prisioneiro da morte, não a teria debelado e vencido e, desse modo, a obra da Redenção não se teria feito. Por isso S. Paulo diz que, se Cristo não tivesse ressuscitado, nós estaríamos ainda nos nossos pecados (I Cor. 15, 17). A ressurreição de Cristo é o coroamento essencial da Redenção: por isso — é ainda S. Paulo que o afirma — Cristo foi «entregue (à morte) pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação» (Rom. 4, 25).

Com a Sua vitória sobre a morte, sobre o pecado e sobre Satanás, Cristo ressuscitado criou uma situação histórica radicalmente nova. É certo que, no plano exterior, tudo é como dantes; mas no plano ontológico, real, a mudança é profunda.

Com Cristo, na verdade, tudo está **ressuscitado** e passou a uma nova vida. Ressuscitou o homem: libertado da escravidão do pecado, ele encontra aberto

diante de si o caminho de Deus, desde que morra com o baptismo e ressurgir com Cristo. Ressuscitou também o mundo: Resurrexit in eo (Cristo) mundus, resurrexit in eo coelum, resurrexit in eo terra. Erit coelum et terra nova (N'Ele — Cristo — o mundo ressuscitou, n'Ele ressuscitou o céu, n'Ele ressuscitou a terra. Por isso haverá um céu novo e uma terra nova) afirma Santo Ambrósio.

Que significa tudo isto?

Significa que a ressurreição de Cristo irradia a sua potência de libertação e de renovação sobre toda a humanidade e sobre todo o cosmos; significa que ela é uma verdadeira recriação do homem e do mundo, pela infusão no coração do homem e nas estruturas do mundo dum princípio vital novo que S. Paulo chama «a potência da ressurreição» (Fil. 3, 10): em virtude de tal princípio, o homem é vivificado espiritualmente mediante a graça, que é a participação da própria vida de Deus, e nele é posto o germe da ressurreição do corpo, no fim dos tempos; o mundo é libertado «da escravidão da corrupção» para que um dia possa «tomar parte na liberdade da glória dos filhos de Deus» (Rom. 8, 21).

A ressurreição de Cristo introduziu por isso na história humana uma dimensão radicalmente nova que, por assim dizer, lhe mudou o curso. Na verdade, sem a ressurreição, o homem e o mundo presas do pecado e escravos de Satanás teriam ido inevitavelmente para a morte. Com a ressurreição o homem e o mundo vão — ou melhor, têm a possibilidade de ir — para a vida.

Certamente a «força da ressurreição» não age de maneira automática sobre o homem e sobre o mundo: compete ao homem aceitá-la ou repeli-la. O seu destino está e continua nas suas mãos. Contudo, ele pode agora aquilo que noutro tempo lhe era impossível. Quanto ao mundo, também ele participa da aceitação ou da recusa da graça por parte do homem.

Por outro lado, a vitória de Cristo sobre os Seus adversários — Satanás, o pecado e a morte —, embora esplêndida e decisiva, não foi definitiva: sê-lo-á só no fim dos tempos, quando Cristo, conforme a forte expressão do Salmo 110, «puser debaixo dos pés todos os Seus inimigos», sendo o último a morte (cfr. I Cor. 15, 26). Isto quer dizer que até à parusia do Senhor, Satanás e o pecado terão ainda domínio sobre os homens: o mal terá, pois, ainda a sua palavra a dizer na história humana.

Todavia, a última palavra não será a do mal, mas a de Cristo. A ressurreição é por isso o primeiro anúncio da vitória final de Cristo no fim dos tempos.

Desta maneira, a ressurreição faz nascer a esperança no coração do cristão. Por mais desfavoráveis que possam ser para a fé cristã as condições do mundo, por mais doloroso e duro que possa ser o caminho da Igreja na história, por mais obscuro e ameaçador que possa parecer o futuro ao cristão, ele não deve desesperar, porque Cristo ressuscitou.

Sem dúvida, ele sabe que a luta entre Cristo e Satanás será dura e tornar-se-á cada vez mais áspera, à medida que a história humana caminha para o seu termo: Satanás, «sabendo que já tem pouco tempo» (Apoc. 12, 12), redobrará a sua actividade com «grande furor», esforçando-se por arrastar atrás

de si o maior número de homens, enredando-os no erro e na mentira, levando-os à negação de Cristo e de Deus e à «adoração da besta».

Na realidade, o cristão sentirá hoje, com uma força particular, esta acção demoníaca no mundo. O racionalista, que se contenta com as aparências, rirá do demónio e do cristão que acredita no demónio e na sua acção no mundo; mas, por outro lado, é o demónio que ri do racionalista e o leva aonde quer, dando-lhe até a ilusão de que é a própria razão que o guia. A visão que o racionalista tem da história humana é superficial e simplista.

Na realidade, a história tem uma dupla dimensão: a superficial e visível, em que os actores principais são os homens, com a sua liberdade e as suas paixões, e a profunda e invisível em que os actores são Deus e o Seu adversário: Cristo e o tentador.

É por isso que, no fundo, a história humana é um drama, uma luta espiritual. E, na verdade, como explicar, a não ser com uma intervenção e um influxo demoníacos, certos factos desconcertantes que nós hoje observamos com angústia e que parecem tanto além da medida humana: a instauração de um reino da mentira, erecta em sistema de vida, que prende inextricavelmente os homens ao erro e à vaidade, o gosto de calcar e profanar todos os valores, o gosto de humilhar e aviltar o homem, de o mostrar na sua miséria, de lhe exaltar as perversões, de lhe deturpar o rosto, o ódio mais que humano contra o homem, que atingiu o cume em tantos campos de concentração nazistas e que levou aos horrores massacrados de duas guerras mundiais e as crueldades das chamadas «pequenas» guerras locais, a perversão do progresso humano que se transforma em arma para negar a Deus e para oprimir o homem, em vez de ser sinal da presença de Deus no mundo e da Sua grandeza e instrumento de elevação do homem, o ódio contra Deus e a Igreja, o difundir-se do ateísmo?

O cristão vê todas estas coisas e sofre com elas. Mas não desespera nem se desencoraja, porque sabe que Satanás, o «forte», podendo embora fazer muito mal «no pouco tempo que lhe resta», está já derrotado e o seu reino está já destruído pelo «mais forte», que é Cristo.

Esta certeza há-de ajudá-lo a trabalhar com alegria e entusiasmo pelo Reino de Deus e há-de sustê-lo nos inevitáveis insucessos, principalmente quando tiver a impressão de que a avançada do mal é irresistível e impossível de sustar. Cristo «venceu» e o cristão há-de vencer com Ele, ainda que, como Cristo para chegar à vitória da ressurreição teve de passar pela derrota da paixão e da morte, ele também tenha, pelo caminho do sofrimento, do insucesso e da morte.

Assim, a ressurreição de Cristo tem alguma coisa a dizer ao cristão de hoje, tem uma sua actualidade, que lhe permite tirar o resultado meta-histórico: na verdade, na escuridão do tempo, ela é a grande luz que ilumina e guia o caminho da Igreja.

Por isso na noite de Sábado Santo, símbolo de Cristo ressuscitado é o círio pascal.



O bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, conferiu ordens sacerdotais, no dia 21 de Março, na Basílica de Fátima, a três membros da Congregação dos Padres Salesianos. Entre os novos presbíteros conta-se o nosso colaborador rev. José Pedrosa Ferreira, que se vê nas fotografias do centro e ao fundo.

COVINA

CHAPA DE VIDRO

COMUM	PÁRA-BRISAS (planos e curvos)
FOSCO	ISOLUX
GIVRADO	ARAMADO
IMPRESSO (branco e de cor)	VIDRO ROCCOLOR OPACO COLORIDO
INESTILHAÇÁVEL	VIDRO MUROLUX
TEMPERADO «ROCHEDO»	MOSAICOS DE VIDRO
PORTAS E INSTALAÇÕES	FIBRAS DE VIDRO

Qualidade superior e preços idênticos aos dos melhores produtos congêneres em condições de abastecer 100% o mercado nacional

COVINA

Companhia Vidreira Nacional, S. A. R. L.

FÁBRICAS: { SANTA IRIA DA AZOIA
PÓVOA DE SANTA IRIA
MARINHA GRANDE
Telefs. 259 024 (9 linhas)

ESCRITÓRIOS EM LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 192
Telefones 56 20 31 (11 linhas)

PARA A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO DA COVA DA IRIA

FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

IX

O SANTUÁRIO E OS PLANOS DE URBANIZAÇÃO

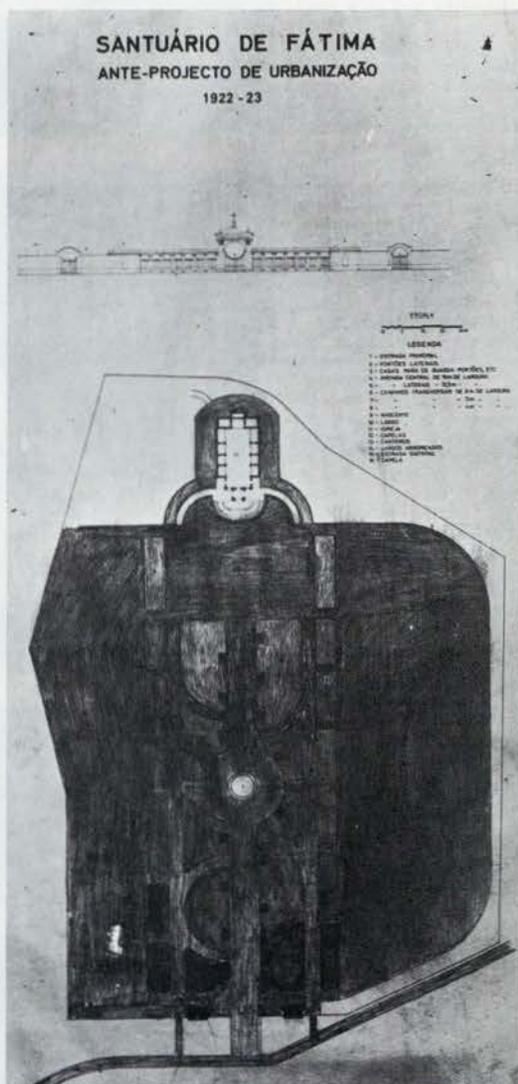
Apenas tomou conta do Santuário de Nossa Senhora o bispo diocesano, D. José Alves Correia da Silva, preocupou-se imediatamente com a construção de um templo onde pudessem realizar-se com dignidade as grandes cerimónias. Para isso procurou obter um projecto para uma igreja que fosse grandiosa, procurando o autor tirar proveito da circunstância de haver na região pedra branca em abundância, que poderia ser aplicada na igreja a edificar.

Conhecendo perfeitamente a cidade do Porto, por ter sido professor do Seminário de Teologia desta cidade e em cuja catedral havia sido sagrado bispo em 25 de Julho de 1920, o Sr. D. José conheceu ali um architecto holandês que era professor da escola industrial daquela cidade. Chamava-se Gerardus van Kriechen e havia nascido em Roterdão. O prelado de Leiria convidou-o a fazer o projecto da igreja.

Não se sabe quantas vezes terá vindo este architecto a Fátima ou mesmo a Leiria colher elementos para a elaboração do projecto encomendado. Era, porém, natural que o sr. D. José fosse dando conhecimento dos seus planos às pessoas ligadas a Fátima. Por isso, o cônego dr. Manuel Nunes Formigão, que escreveu a história de Fátima sob o pseudónimo de «Visconde do Montelo», no seu livro «Os acontecimentos de Fátima», a páginas 18 fala da existência do projecto: «um grandioso monumento dedicado a Nossa Senhora» e que devia ser levantado no local onde os pastorinhos tinham visto, pela primeira vez, o relâmpago anunciador da aparição. Fala-se ainda nesse livro de uma igreja na Cova da Iria com 14 capelas.

Elaborado o projecto e aprovado pelo sr. bispo de Leiria, no dia 13 de Maio de 1928, em cerimónia presidida pelo arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, e na presença de D. José Alves Correia da Silva e de milhares de fiéis, é feito o lançamento da primeira pedra para a sua construção, no local onde as crianças tinham visto o primeiro relâmpago, a uns 200 metros donde se encontrava a azinheira sobre a qual Nossa Senhora lhes havia aparecido.

Em 1933 faleceu o architecto Gerardus van Kriechen. A orientação técnica passa a ser confiada aos



Primeiro anteprojecto de urbanização, com data de 1922-1923. Desconhece-se o seu autor. Previam-se uma avenida central e duas laterais e 14 capelas distribuídas pela avenida Central. Este projecto dizia respeito apenas ao recinto das aparições.

arquitectos Cristino da Silva e Korrodi, ao prof. Narciso Costa e António Varela, de Leiria, até que, por alturas de 1935, foram entregues ao arquitecto João Antunes, natural da Barreira, próximo de Leiria, os arranjos arquitectónicos e a orientação técnica das obras, que desempenhou durante quase 20 anos com grande dedicação e extraordinário zelo.

De linhas elegantes, a Basílica tem um aspecto imponente com a sua torre esguia a olhar o céu. Tem de comprimento 70,5 m e de largura 29 m. A altura do corpo da igreja é de 24 m. Foi construída totalmente com pedra da região extraída em pedreiras do sítio denominado Moimento, a 4 quilómetros da Cova da Iria. Parte da torre foi erguida em pedra rija, igualmente da região de Fátima. O interior é constituído por uma abóbada de cimento armado invisível do interior, com 21,60 m de vão longitudinal encastrado em duas vigas de cimento armado, curvas, com 16,80 m de abertura. São os quatro apoios destas vigas que transmitem a 4 pilares da Basílica a carga da abóbada que é de 350 toneladas. Ao casquilho de cimento, com 9 cm de espessura, foi fixada a parte decorativa em pedra talhada formando intradorso. Nesta abóbada gastaram-se 10 500 quilos de ferro, 103 m³ de betão e 330 quilos de cimento por m². Os cálculos para a abóbada foram feitos pela Sociedade Michaelis de Vasconcelos de Lisboa e a direcção técnica foi do eng. José da Rocha e Melo, que era nessa altura o director da Empresa de Cimentos Liz, de Maceira.

Trabalharam nestas obras muitas centenas de operários da região de Fátima e doutras localidades circunvizinhas. Foram encarregados dos operários: Manuel Vicente, Joaquim Vicente e António Vicente (pai e filhos), do lugar da Chainça (Santa Catarina da Serra), Manuel Conde e Adelino Tomás, de Assistiz, e José Joaquim da Assunção, do Montelo (Fátima). O primeiro encarregado foi Manuel Carreira, da Moita (Fátima), casado com Maria dos Santos, a primeira tesoureira de Nossa Senhora, conhecida pela «tia Maria da Capelinha».

O interior da igreja compõe-se de altar-mor e 14 altares distribuídos pelos dois lados. Estes altares são dedicados aos mistérios do Rosário. São todos de mármore de Estremoz. São igualmente de mármore os dois púlpitos. O arco cruzeiro tem a toda a largura a inscrição «Regina Sacratissimi Rosariae Fatimae ora pro nobis» feito em mosaico nas oficinas do Vaticano e oferecido pelos católicos de Singapura. À entrada, por cima da porta principal, encontra-se outro mosaico com 3 figuras representando a Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora, igualmente executado nas oficinas do Vaticano e benzido pelo então Secretário de Estado, Cardeal Pacelli, por delegação de Pio XI. Na fachada encontram-se 4 estátuas de Anjos da autoria de Albano França, do Porto. Por cima do altar-mor foi colocado um relevo com a coroação de Nossa Senhora, escultura de Maximiliano Alves. Em cada altar lateral foi colocado um painel de bronze com figuras alusivas a cada mistério do terço. As esculturas foram feitas por Martinho de Brito. Nos janelões da capela-mor foram colocados 4 vitrais com os 4 evangelistas e outros quatro com cenas alusivas à história das aparições. Estes vitrais foram executados em Madrid pela Sociedade Maumajean & Filhos (1). A Basílica mede, desde a abertura do trono até à porta principal, 52 m e a largura do corpo da igreja é de 16,30m.

A torre é encimada por uma coroa de bronze e uma esfera em cima da qual assenta uma cruz. O peso da coroa é de 8 toneladas. O carrilhão de sinos que se encontra colocado na torre foi fundido no Santuário em torno especial. Os fundidores eram de Braga e vieram para o Santuário contratados pelo sr. D. José. O forno foi benzido pelo Cardeal Patriarca de Lisboa em 10 de Maio de 1945. Os primeiros sinos foram fundidos em 3 de Fevereiro de 1946. O sino grande pesa 3000 quilos e o badalo 90 quilos. Os sinos foram fundidos com sucatas de cobre e bronze oferecidas por muitos devotos através de uma subscrição aberta na «Voz de Fátima».

Alguns dos altares foram oferecidos por dioceses e Associações diversas. O altar dedicado ao Nascimento de Jesus foi oferecido pela União Noelista Portuguesa; o da Apresentação de Jesus, oferecido pelo bispo A. R. Lane, dos Estados Unidos, e o da Agonia no Horto pela diocese de Macau, em acção de graças por aquela Província Ultramarina ter escapado à guerra. O altar dedicado à Descida do Espírito Santo foi oferecido pela diocese de Silva Porto, o da Assunção de Nossa Senhora, pela arquidiocese de Luanda e o da Anunciação, pelos católicos de língua inglesa.

A igreja foi sagrada em 7 de Outubro de 1953. Presidiu às cerimónias o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira e 17 prelados do Continente, assistindo como representante do Governo o Ministro da Justiça, prof. dr. Manuel Cavaleiro de Ferreira.

Em 12 de Novembro de 1954 o Santo Padre Pio XII, pelo Breve «Luce Superna», concedeu a esta igreja o título de Basílica do Rosário.

UMA ENTREVISTA HISTÓRICA — A FÁTIMA DE 1939

Em 2 de Junho de 1939 o jornalista João Paulo Freire publicou no JORNAL DE NOTÍCIAS, do Porto, uma descrição de como encontrou a Cova da Iria. Nessa mesma reportagem o jornalista, que apreciou os problemas de Fátima em outras ocasiões (2), apresenta o local das aparições nos dois aspectos — Santuário e povoação —, salientando as conversas que teve na altura da sua visita, 21 de Maio de 1939, com as três pessoas responsáveis — D. José, bispo de Leiria, padre Amílcar Martins Fontes, reitor do Santuário e arquitecto João Antunes, orientador técnico das obras do Santuário.

A primeira parte da reportagem de Paulo Freire é dedicada ao facto histórico-religioso de Fátima: a origem da povoação e a história das aparições de Nossa Senhora, pondo estas em confronto com as aparições de Lourdes. Interessa-nos a segunda parte da reportagem pois o jornalista descreve a povoação tal como a encontrou e as entrevistas dão-nos ricos pormenores para a apreciação da história urbanística da Cova da Iria.

«Chegámos a Fátima às onze horas. Pouca gente. Manhã radiosa de sol. Disse ao fotógrafo o que eu queria que ele me fotografasse, e, sozinho, sem cicerones, sem explicadores, sem contactos, peguei no lápis e no papel e fui tomando notas do que via.

Primeiro, cá fora. Uma rua estreita, mal cuidada, com umas casinhotas manhosas, e ao lado ... e ao lado, leitor, o **Bairro das Minhocas** que, para vergonha nossa, já existiu nos arredores de Lisboa ... Barracas feitas de tábuas carcomidas pelo tempo, com um aspecto reles e sórdido. Estendem-se em correnteza, à beira da estrada, ali, na frente da Cova da Iria, por onde têm que passar todos quantos se dirigem ao Santuário. É ignóbil. Não tem ponta de defesa por onde se lhe pegue. É um crime. Mais do que um crime: uma profanação obscena.

Desvio os meus olhos, enjoado e revoltado. Olho agora a entrada do Santuário. Estou em frente dum muro de quinta, com três portões gradeados. Colunas jónicas com uma cimalha que parece um aqueduto. Chama-se a isto pomposamente: a Colunata. Pifio. Muito pifio e muito pires.

À esquerda e à direita, dois casinhotos com um letreiro que diz: «**Artigos religiosos à venda por conta do Santuário.**» E não tremeu a mão que escreveu isto!

Entro e desço uns metros. Dum lado e do outro: azinheiras, oliveiras, carrascos e pedras. E algum lixo à mistura.

Na minha frente — como isto me custa a escrever! — sobre um rotundo depósito que podia muito bem ter sido mandado fazer pela Companhia das Águas de Lisboa, com muitas bicas em volta, sem um vislumbre de arte, de gosto, de expressão — por cima deste bojudo e rotundo depósito —, o monumento do S. Coração de Jesus, como que a lamentar-se: «Condoam-se da minha situação», ou, talvez, quem sabe, a dizer: «Pai, perdoai-lhes que eles não sabem o que fazem».

Aproximo-me das bicas. Vejo mais um letreiro: «São malcriados todos quantos aqui escrevem». Dou a volta e, do lado oposto, leio outro pensamento: «Os malcriados podem escrever nas paredes».

Pergunto a mim próprio se estou em Fátima, se me não enganei no caminho, se os meus olhos leram realmente estas ... «**jaculatórias**».

Volto as costas a isto, e tenho à minha direita uma capelinha demasiadamente humilde, com um alpendre mais humilde ainda, e na frente desta dois gradeamentos de cemitério aldeão. Quem se teria enterrado ali? Ninguém. Aquela espantosa manifestação de **arte** foi posta ali para guardar as velas oferecidas pelos peregrinos. Eu não estou a brincar, nem a fazer «**blague**». Com coisas sérias não se brinca. Isto é assim porque é assim! Porque está lá assim! Porque assim os meus olhos magoadamente o viram. Para lá da capela, o Hospital, única nota agradável em que, até agora, poisaram os meus olhos. Visitá-lo-ei mais logo. Prosseguimos. Subo uns metros. Um tosco barracão, com bancos de pinho, muito rentes ao chão, destes que os feirantes usam nas suas pobres barracas, e o chão muito sujo — areia e seixos, pedras e lixo —, e, a seguir, a igreja provisória que se há-de deitar abaixo quando a nova estiver pronta (5).

Há charcos de água imunda em volta das construções.

Subo até às obras da nova igreja. Ando lá por dentro, sôzinho, e venho depois cá fora ver o aspecto em conjunto. A mágoa e a tristeza oprimem-me o coração. Em 1939, Fátima é isto! Um amontoado de disparates, de incongruências, de desrespeito e de dinheiro mal gasto. Vinte e dois anos perdidos para a realização de uma obra que seria já hoje grandiosa se, no seu início, se tivesse visto o problema

com olhos de ver, se se tivesse pensado, ao menos, na Lourdes gloriosa, e se se tivesse feito da Cova da Iria um monumento digno da Virgem e dos Portugueses.

Estava eu sôzinho a congeminar estas observações quando lobriguei ao longe um sacerdote. Fui até ele e apresentei-me. Era o sr. padre Amílcar Martins Fontes, um dos capelães do Santuário, com vinte e poucos anos cheios de vivacidade e de simpatia. Os olhos são os espelhos da alma e não enganam nunca. E a simpatia não se **arranja**. Vive dentro das criaturas. É como que o seu cartão de visita. Dois minutos depois da auto-apresentação, tinha a certeza que estava diante dum padre inteligente, dum padre que compreendia a missão dum jornalista e não tinha medo da Verdade.

Começámos logo a trocar impressões e, minutos depois, o sr. padre Amílcar oferecia-me o anteprojecto da urbanização do lugar de N. S.^a de Fátima, de Cristino e Korrodi.

la eu em busca do sr. padre Amílcar quando, vindo do lado das obras, se me depara o bispo de Leiria, sr. D. José Alves Correia da Silva, que, se me não engano, é natural de Ermezinde. Quase portuense, portanto.

Cumprimentos. A ocasião não era de perder.

— Em Fátima?

— É verdade. E quis o bom destino que eu me encontrasse com V. Excia. Revma.

— Vai dizer muito mal de Fátima, já sei ...

— O indispensável, apenas, sr. Bispo. Se disser mal é dizer a verdade ...

— Olhe que há 18 anos não havia aqui nada. Nem uma pedra. E tudo isto se fez às expensas do povo.

— Mas há por acaso um projecto de urbanização, a que isto obedeça?

Fomos andando e entrámos na galeria do Hospital. O sr. Bispo sentou-se. Eu fiquei de pé.

— Urbanização aprovada, não há ... Há anteprojectos: um do Cristino e Korrodi, já modificados pelo arquitecto João Antunes. O do Korrodi era inexequível. Pura fantasia. Avenidas com 300 metros de largo. Nem na América ... Mas há o outro, também sem aprovação.

— Por culpa de ...

— D'Ourém. Os de Ourém é que deviam estudar e aprovar isso. Não têm feito nada. Estão-se construindo as casas perfeitamente **ad libitum**. Amanhã será difícil dar a isto uma orientação definida e metódica. Nós não temos culpa. Que se aprove depressa um plano de urbanização e tudo marchará bem. Cá dentro, como vê, as obras vão-se fazendo e sem auxílio do Estado. O Estado não dá nada e ainda nos leva as respectivas contribuições.

— As obras da igreja nova já começaram há muito?

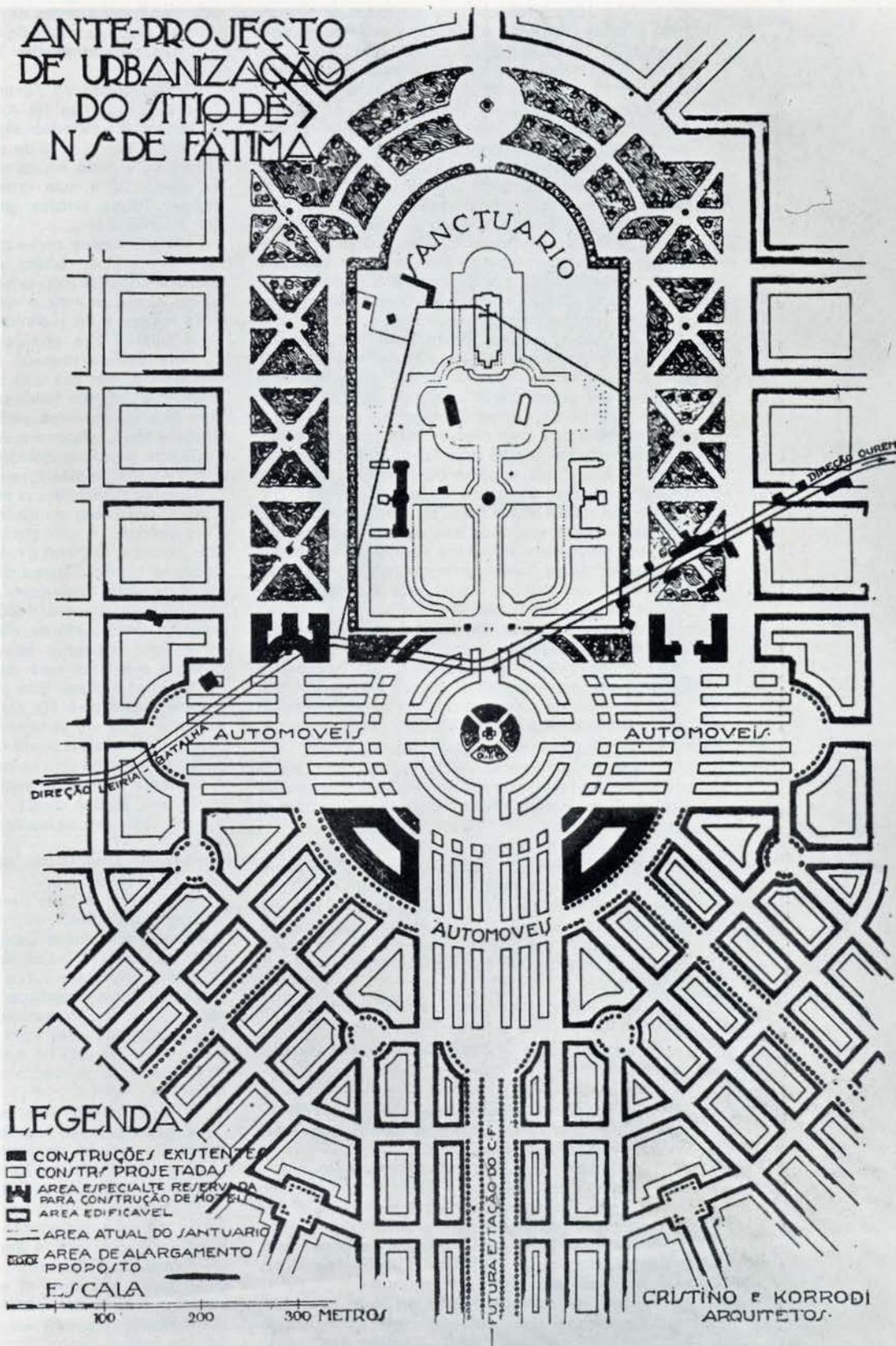
— Há nove anos. E como vê, vão o mais depressa que é possível. Tudo isto é à custa das esmolas, e as obras são o recibo das ofertas que eu apresento aos fiéis.

— Quantos peregrinos vêm por ano a Fátima?

— Mais de um milhão. Para avaliar o que isto é basta dizer-lhe que na última peregrinação beberam-se 400 pipas de água. Duzentos mil litros. E estiveram aí vinte mil carros. Muita gente! Muita gente! Mais do que em Lourdes.

— E V. Excia. Revma. não acha pequena a igreja que se está construindo?

ANTE-PROJECTO DE URBANIZAÇÃO DO SÍTIO DE N.ª DE FÁTIMA



Anteprojecto de urbanização do sítio de N.ª Sr.ª de Fátima, da autoria dos arquitectos Cristino e Korrodi. Foi publicado na «Voz da Fátima» em 13 de Maio de 1929. Envolve o recinto e a povoação. Conforme se lê na legenda previa acesso para a futura estação de caminho de ferro, e uma grande praça para automóveis à entrada do recinto.

— Não. Uma igreja para abrigar todos os peregrinos é outra fantasia. A grande igreja de Fátima, quando as obras estiverem todas feitas, é cá fora, ao ar livre. Nós precisamos de muitos altares. Mas olhe que na igreja que se está a edificar, devem caber 6000 pessoas. É já muito grande. É bem construída. Não se fazem hoje no Mundo igrejas assim. E toda em pedra da região.

— Não seria possível, sr. Bispo, descongestionar os dias 13 de Maio e de Outubro, escalonando as peregrinações pelos outros meses?

— Nem pensar nisso! O povo quer vir a Fátima, e vem quando lhe apetece, não lho determinam. Já se fazem, no entanto, peregrinações especiais. A da minha diocese, por exemplo, é a 13 de Agosto.

— Como resolver então o problema para facilitar o movimento de Fátima?

— Aprovar o projecto de urbanização. Alargar a entrada do Santuário. Aquelas casas que ali vê, à entrada, são nossas e desaparecem logo que esse projecto se aprove. Ligar a estrada de Leiria à de Ourém com a de Fátima (uma coisa como 4 a 5 quilómetros e para cuja obra o povo dá os terrenos), e as dificuldades que há hoje ficam muito reduzidas.

— Sr. Bispo, fala-se muito numa ligação ferroviária para Fátima. Que diz a isto V. Excia. Revma?

— Digo que é muito bom. Eu aprovo tudo o que represente progresso. Mas isso não dá nada porque não tem movimento suficiente para sustentar a sua exploração. Se se fizesse tinha que ser em via larga, porque em via estreita ainda seria pior. Mas veja mesmo em via larga: quantos comboios se podiam realizar num dia? Dez comboios ascendentes e dez descendentes? Que movimento dava isso? Dezasseis mil pessoas? Vinte mil pessoas? Não chegava à quinta parte dos peregrinos. O que nós precisamos é dum campo de aterragem. E temos aqui próximo um magnífico para isso. (3).

— A que distância?

— Mil e quinhentos metros, o máximo. Está a ver o que isso representava para Fátima. É o progresso. São as visitas internacionais. Eu quero ser um homem do meu tempo.

— E hotéis, Sr. Bispo?

— Outro problema insolúvel. Não há nenhuma terra no Mundo que possa alojar, em hotéis, 100 000 pessoas. Outra fantasia. Espero, porém, resolver, tanto quanto possível, o problema dos alojamentos. Enfim, como vê, trabalha-se o melhor e o mais que se pode, e só com a ajuda das esmolas, porque o Estado nada nos dá.

— E quantos anos serão ainda precisos para realizar Fátima?

— Não sei. Bem vê, isso depende das esmolas que recebermos.

— Então, ainda vai dizer muito mal de Fátima?

— De Fátima, não. Dalgumas coisas que estão em Fátima. Daquelas barracas ...

— Ah! diga, diga. Diga muito mal disso que é uma vergonha para Fátima. Já tenho pedido, já tenho instado, mas nada nada consegui ainda.» (4).

Despedimo-nos do ilustre Antistete. A dois passos, na companhia do sr. padre Amílcar, encontrava-se o architecto sr. João Antunes. O Deus dos jornalistas protegia-me.

E fomos os três a caminho do novo Santuário.

À esquerda, a um tiro de espingarda, salientava-se, com elegância, o convento das Carmelitas, inaugurado

este ano, pouco antes da Páscoa. Um pouco acima viam-se algumas casas do lugar da Moita.

Chegámos junto das obras. Andaimos, pedras, gindastes.

— O projecto do Templo, diz-me o sr. architecto João Antunes, não foi meu, mas de Van Krichen. Eu apenas lhe introduzi algumas modificações indispensáveis. Como vê é de estilo clássico, dos fins do século XVIII, todo em calcário branco, que é a pedra da região. Já li num jornal que nós caivamos as pedras! Talvez simples ignorância ... Possivelmente ridícula maldade ...

— É da mesma pedra o da Batalha?

— A mesma. Muito manejável, portanto. As colunas do altar-mor também são de mármore da região. Como se nota, é mau. Cheio de buracos. Mas é da região, e foi preferido por isso.

— Qual a sua opinião sobre o novo Templo?

— A melhor possível. Não será duma grande imponência, mas fica uma bela obra no seu conjunto. Devo dizer-lhe que todos os trabalhos de construção têm sido coadjuvados pelo sr. engenheiro José da Rocha e Melo, pessoa a quem o Santuário muito deve.

E com grande amabilidade, o sr. João Antunes e o padre Amílcar, levaram-me a percorrer todo o edificio.

Com as explicações ia fantasiando no meu espirito a obra ainda não concluída. Igreja duma só nave. Coro saliente. A um terço, vindo do altar-mor, os dois púlpitos. O trono deve produzir um lindo efeito. Sobre as capelas laterais duas amplas galerias superiores de efeito majestoso. Exteriormente, nas partes aproveitáveis, grandes depósitos para água. O architecto sr. João Antunes elucida-me:

— Estes depósitos alimentam os hospitais. Têm desnível suficiente para isso.

Subimos à torre. Está por enquanto nos seus 25 metros. Ficará com 60, até à cruz. O padre Amílcar, que não sofre de vertigens, anda pelas platibandas como quem passeia numa avenida. Trepo acima dum andaime, e pasmo com os vastos horizontes que avisto. À esquerda, para lá da freguesia de Fátima, o Castelo de Ourém, mais à direita, a Serra de Aire, e a toda a volta uma cercadura de serras, esfumando-se ao longe.

O Padre Amílcar não sabe os nomes, mas afirma com entusiasmo:

— Quando a torre tiver mais vinte metros o horizonte alarga-se, redobrando o interesse. E ninguém supunha que a Cova da Iria nos fornecia tão vasto e admirável espectáculo.

Retiro aos meus olhos da paisagem distante e fixo-os sobre a esplanada do Santuário. Visiono a beleza enorme, o espectáculo sem igual que será a procissão das velas vista daquele lugar. No alto da torre, havia-me dito há pouco o sr. Bispo D. José, ficará um foco luminoso que será visto de muitas léguas em redor.

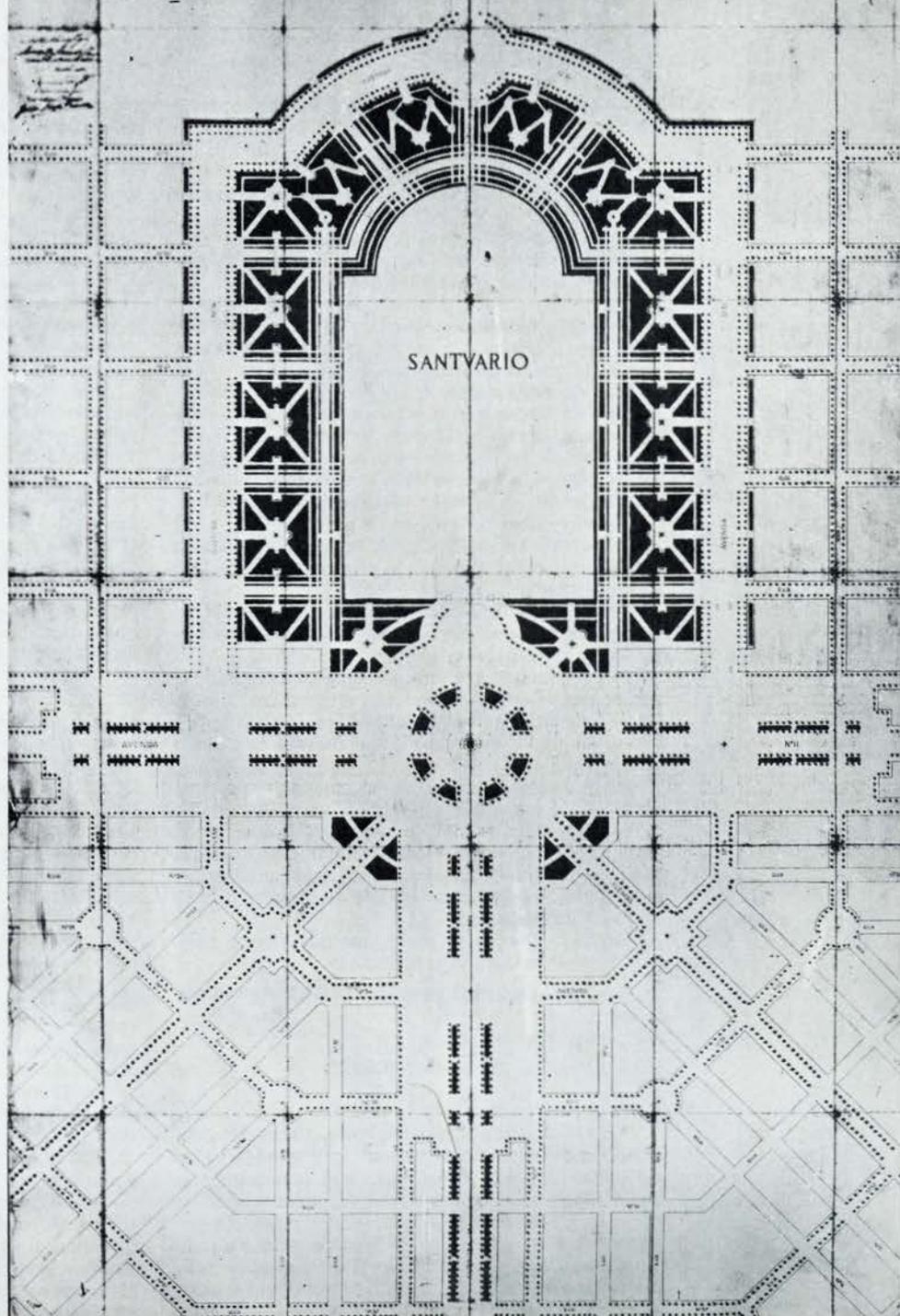
O sr. architecto Antunes informa-me:

— Neste primeiro piso da torre, que fica, como vê, no rés do telhado, construir-se-á um largo varandim para que os vistantes não percam as delícias da paisagem, em nenhuma das suas expressões.

E como que a adivinhar a minha missão de jornalista e a minha indignação de quem viu o que vi, e acima se descreve, o architecto sr. João Antunes vai apontando e dizendo:

— Tudo isto que aí vê ou desaparece ou se modifica. A igreja provisória vai abaixo (5), a capelinha das Aparições é substituída por outra (6) já em linhas de arte e bom gosto. Construir-se-á, como está no

PROJECTO DE URBANIZAÇÃO
DOS ARREDORES DA COVA DA IRIA
FATIMA
PLANTA DE PAVIMENTOS E ARBORISACAO
ESCALA DE 1:1000



Projecto de urbanização elaborado pelos arquitectos José Lima Franco e João António de Aguiar, a pedido da Comissão nomeada pelo ministro das Obras Públicas. Pouco differia do projecto dos arquitectos Cristino e Korrodi. Nota-se a assinatura dos autores do projecto do e dos membros da Comissão, do lado esquerdo, ao alto do projecto.

projecto, um outro hospital precisamente igual àquele (7); a entrada do recinto da Esplanada vai desaparecer (8) e far-se-á, onde estão aqueles prédios, uma ampla rotunda.

— Mas para isso ...

— Para isso é necessário que se aprove o projecto de urbanização que já apresentamos (9). Sem essa aprovação nada se pode fazer.

— E aquele horrível depósito tão bojudo e tão feio?

— Sim, também se modifica. Tudo isso é provisório(10). Mas tudo se transformará em obediência a um plano geral. E verá que depois de tudo concluído, Fátima ficará sendo um dos grandes santuários do Mundo.

— Quanto tempo duram ainda as obras desta igreja?

— Dois, três anos.

— E o resto?

— Um sorriso. Um encolher de ombros. E logo o padre Amílcar:

— Quando os de Ourém quiserem ... (11).

— Descemos. O sr. Bispo já esperava o seu architecto, e ambos deixaram a Cova da Iria. (12)

.....
Tirando o que provisoriamente se fez à custa dos fiéis — em 22 anos — nem o Estado, nem a Câmara Municipal de Ourém fizeram coisa que se visse.

Mas eu ainda desculpo até certo ponto o Estado. A quem eu não desculpo, a quem eu não posso desculpar, é a Câmara de Ourém que tem ali, a 7 quilómetros de distância, uma mina de ouro que a Providência lhe pôs ao alcance da sua exploração concelhia e a não soube ainda ver, a não soube ainda explorar, no sentido nobre da palavra.

Crime, dos crimes que pesa sobre este concelho como um ferrete, a gritar, a proclamar ao Mundo a miopia dos seus dirigentes locais.

Como é que o Estado havia de pensar em Fátima se são os próprios que, tendo Fátima sobre a sua jurisdição, não pensam nela?

E no entanto, senhores, Fátima seria para vós ouroanos, o vosso estandarte e o vosso troféu: estandarte que não sabeis erguer nas vossas mãos, troféu que há 22 anos deixais abandonado ao carinho apenas da Fé.

Sim. Por enquanto, à parte das obras sem começo e de projectos a viverem de sonhos, só há em Fátima a Fé. A Fé dum milhão de portugueses que ali vai todos os anos, dos mais remotos cantinhos de Portugal, a soerguer, nos seus corações a transbordarem de ternura, a recordação doce dos três pastorinhos e duma azinheira desaparecida.

É quase nada para o muito que podia ser já hoje. Para o muito que devia ser já hoje!».

HISTÓRIA CRONOLÓGICA DOS PLANOS DE URBANIZAÇÃO

1923 — Aparece o primeiro anteprojecto de urbanização do Santuário de Fátima ao qual se refere o «Visconde Montelo» no seu livro «Os acontecimentos de Fátima», que a páginas 18 diz: «O projecto acolhido com mais entusiasmo é o da construção de um templo no cimo do outeiro que domina a Cova da Iria, no local onde os videntes dizem ter-se dado a primeira aparição, e de catorze capelas ladeando uma avenida que conduza da estrada principal até ao magestoso

monumento. Este será dedicado à coroação de Nossa Senhora e as capelas aos outros mistérios do Rosário».

Na planta que se encontra nos arquivos do Santuário não se vê o nome do autor deste anteprojecto. A avenida foi construída. Era a avenida central desde a entrada principal até ao fontanário. Dum lado e doutro dessa avenida ainda chegaram a ser colocados os fundamentos, não para as catorze capelas mas para ninchos ou altares dedicados aos mistérios do Rosário.

28.3.1928 — O Ministro das Obras Públicas e Comunicações nomeia uma comissão para estudar o plano de urbanização do lugar da Cova da Iria e propor as medidas necessárias para a defesa, protecção e engrandecimento do local das aparições de Nossa Senhora. Dessa Comissão fazem parte os engenheiros Manuel Roldán y Pego e Afonso Verissimo de Azevedo Zúquete, os architectos Ernesto Korrodi e Luís Cristino da Silva e o dr. José de Ataíde.

13.5.1929 — O jornal «Voz da Fátima», órgão oficial do Santuário, publica o anteprojecto apresentado por esta Comissão, projecto que é assinado por Cristino e Korrodi architectos.

O plano assinala ao centro, atravessando o recinto, a estrada distrital feita por alturas de 1922. Junto dessa estrada, conforme a legenda indica, as construções existentes na Cova da Iria, que pertenciam a José Pedro Marto (uma barraca de madeira), António de Sousa Reis, Santuário, Manuel de Oliveira Júnior, Francisco António, Francisco Inácio Vieira, José Pereira, Joaquim Lopes Alho, Manuel Inácio, Marquês de Rio Maior, Manuel Pedro Marto, Francisco António Castanheira, Manuel Henriques. Eram estes os moradores da Cova da Iria em 1929.

A pedido da Comissão nomeada pelo Ministro das Obras Públicas o architecto José Lima Franco e João António de Aguiar apresentam novo anteprojecto dos arredores da Cova da Iria — Fátima, que pouco difere do apresentado pelos colegas Korrodi e Cristino.

18.12.1935 — Apresenta o sr. bispo de Leiria no Ministério das Obras Públicas, um anteprojecto de Urbanização, mandado elaborar a pedido do Ministro das Obras Públicas. (Voz da Fátima n.º 160, de 13 de Janeiro de 1936).

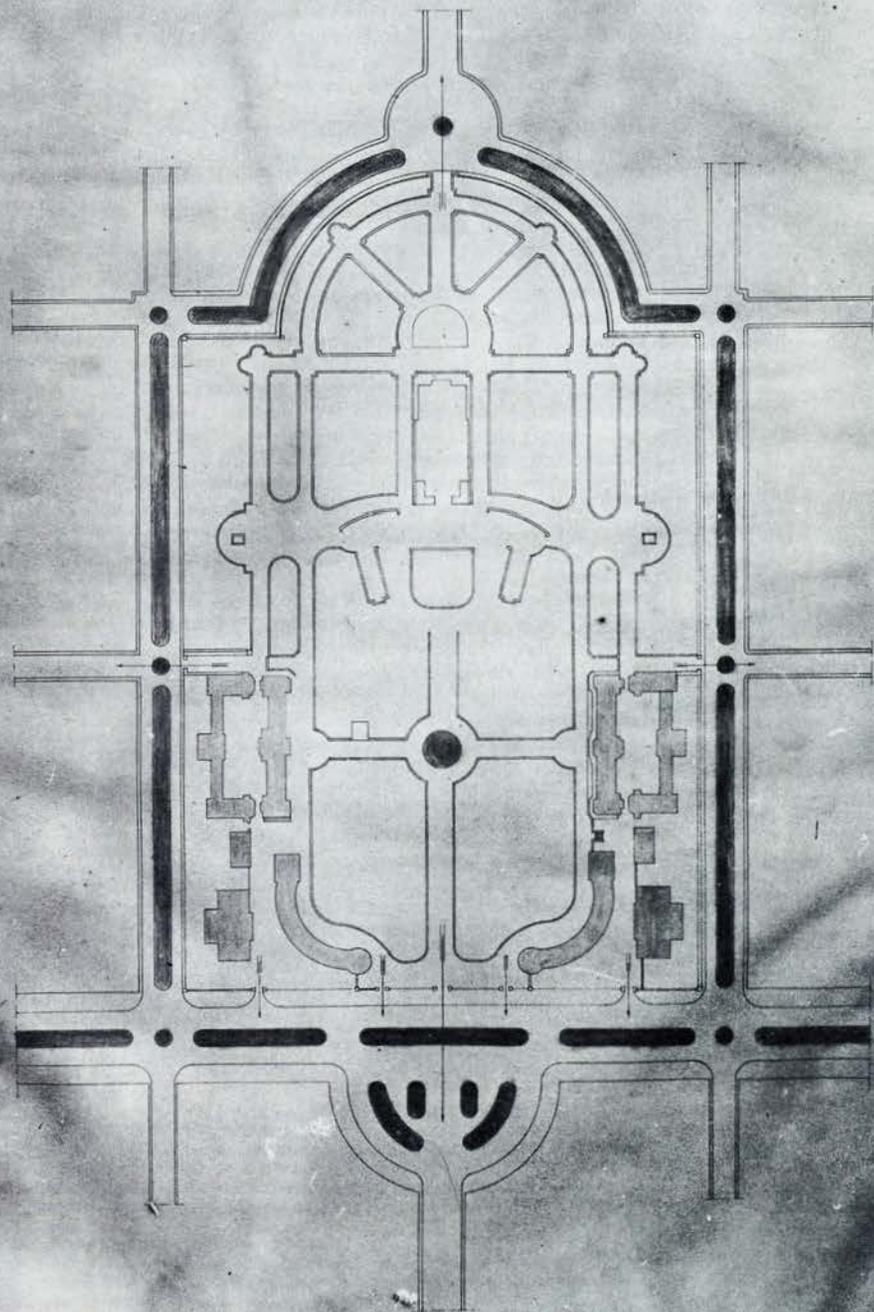
Não sabemos qual terá sido o projecto apresentado pelo sr. Bispo àquela entidade; se o dos architectos Cristino da Silva e Korrodi, se o do architecto João Antunes, porquanto na entrevista de Paulo Freire o rev. padre Amílcar mostra ao jornalista o projecto do «sítio de N.ª sr.ª de Fátima», dos primeiros architectos, e o sr. D. José relata ao mesmo jornalista que há «um projecto de Cristino e Korrodi, já modificado pelo architecto João Antunes. O do Korrodi era inexequivel. Pura fantasia. Avenidas com 300 metros de largo. Nem na América ... Mas há outro, também sem aprovação». O artigo de Paulo Freire é ilustrado com a gravura de um Santuário, anteprojecto da autoria do sr. João Antunes.

5.6.1936 — O sr. bispo de Leiria foi recebido pelo sr. Ministro das Obras Públicas em cujo Ministério teve larga conferência sobre a urbanização de Fátima. O Ministro mostrou-se muito interessado e prometeu dar andamento às obras depois de assentar no plano geral. Acompanharam o sr. bispo o dr. Carlos Mendes e o Architecto João Antunes. (Voz da Fátima, n.º 166, de 13 de Julho de 1936). Julgamos que terá sido objecto da conferência a apreciação do estudo apresentado pelo Architecto Antunes, uma vez este esteve presente. Terá sido numa destas confe-

SANTUÁRIO DE FÁTIMA

ANTE-PROJECTO DE URBANIZAÇÃO

1932 - 33



Anteprojecto de urbanização apresentado entre 1932-33, apenas para o recinto das aparições. Não tem assinatura. Não envolvia a povoação da Cova da Iria.

ESC. 1/1000

rências que foi ventilado um casino para Fátima, ideia que obteve do senhor D. José uma total reprovação?

1944 — O Ministro Duarte Pacheco encarrega o arquitecto Cotinelli Telmo de apresentar um projecto para a Urbanização de Fátima.

5.1.1945 — O projecto elaborado pelo arquitecto Telmo é examinado por uma Comissão de Revisão que o leva ao Conselho Superior de Obras Públicas.

9.4.1945 — O Subsecretário de Estado das Obras Públicas aprova o projecto de Urbanização do arquitecto Cotinelli Telmo.

10.5.1946 — A Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém aprova uma proposta sobre construções urbanas dentro das áreas fixadas no plano, aprovado em 9 de Abril de 1945 pelo Sub-secretário das Obras Públicas.

11.8.1948 — O Governo, pela Pasta das Obras Públicas, sendo Ministro o eng. José Frederico Ulrich, publica o decreto-lei n.º 37.008, que fixa a zona de protecção do recinto do Santuário de Fátima, definida pelo anteprojecto de Cotinelli Telmo.

Fevereiro de 1953 — O arquitecto Ernâni Nunes é encarregado pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização de elaborar novo plano em face do estudo do seu colega Cotinelli Telmo, já aprovado, e apresenta em Junho de 1955 o novo «esboceto» da Urbanização de Fátima.

Junho de 1955 — É encarregado de novo estudo o arquitecto Luís Xavier, que em 9 de Julho desse ano submete à apreciação do Ministro das Obras Públicas um novo «esboceto», o qual, depois do parecer da Comissão de Revisão da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, é enviada, por despacho ministerial de 21 de Agosto de 1956, ao Conselho Superior de Obras Públicas a fim de ser devidamente apreciado.

28.3.1957 — O Ministro das Obras Públicas, eng. Arantes e Oliveira, aprova o «esboceto» do arquitecto Luís Xavier que havia sido objecto de parecer favorável (n.º 2708 do Conselho Superior de Obras Públicas).

Agosto de 1957 — O arquitecto Luís Xavier apresenta o seu antepiano de Urbanização de Fátima, que depois do parecer individual n.º 40 do prof. eng. Antão de Almeida Garrett, é aprovado com algumas observações pelo Ministro das Obras Públicas.

A Cova da Iria, tal qual como a encontramos hoje, tanto no arranjo do Santuário como no aglomerado urbano, «nasceu» dos traços, dos riscos delineados e programados pelo urbanista Luís Xavier.

NOTAS

(1) Em Maio de 1967 a Basílica foi enriquecida com novos vitrais, com diversos quadros alusivos à vida dos pastorinhos de Fátima, à história das aparições e aos mistérios do terço. Os desenhos são do arquitecto João de Sousa Araújo e foram executados nas oficinas de J. Alves Mendes, de Lisboa.

(2) «O Jornal de Notícias», do Porto, de 4 de Julho e de 1 de Agosto de 1951.

(3) Não deixa de ser significativo o facto de nesta altura o sr. Dom José pensar no campo de aviação de Fátima. Esta sua ideia foi concretizada em 1949 quando realçou à Direcção-Geral de Aeronáutica Civil o interesse da construção do campo de aviação na proximidade do Santuário. Em Dezembro de 1953 a Direcção-Geral de Aeronáutica apresentava um projecto-base do aeródromo de Fátima, localizando a poente, no recinto para os lados onde se encontra actualmente o Semi-

nário do Verbo Divino. É curioso notar que enquanto alguém tentava desviar a construção do campo de aviação das proximidades do Santuário, o sr. D. José era de opinião que ficasse o mais próximo possível deste. Como é do conhecimento público, a Direcção-Geral de Aeronáutica está a efectuar os estudos para a construção do aeródromo de Fátima, para o qual o Governo já destinou a verba de 1000 contos.

(4) Para acabar com estas barracas, muitas das quais se destinavam à venda de artigos religiosos, mandou o Santuário, em Janeiro de 1950, construir um grupo de 45 lojas para a venda de artigos religiosos. O projecto foi dos arquitectos António Gomez Egea e Rui da Silveira Borges, da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização. A este grupo de 45 lojas em forma de U foi dado o nome de Praceta de São José. Em Maio daquele ano principiaram a ser vendidos ali os artigos religiosos. Este grupo de lojas situa-se a norte do recinto. Posteriormente, foi mandado fazer outro grupo de 45 lojas do lado sul, a que foi dado o nome de Praceta de Santo António. Este apenas entrou em funcionamento em 1961.

(5) Foi demolida em 20 de Março de 1946 por motivo de regularização do recinto e obras complementares do arranjo arquitectónico do Santuário.

(6) Ver FÁTIMA-50, n.º 34, página 23.

(7) A sua construção é concluída em Abril de 1945. Vai, porém, dentro de pouco tempo, ser objecto de reconstrução e ampliação à semelhança do que existe actualmente e se intitula «Hospital Senhora das Dores».

(8) As obras da remodelação do recinto foram iniciadas em Fevereiro de 1949. A este assunto nos referiremos no próximo artigo.

(9) Terá sido em 5 de Junho de 1936 quando o sr. bispo de Leiria foi recebido pelo Ministro das Obras Públicas para uma conferência sobre a urbanização do recinto e da Cova da Iria? Acompanharam-nos os dr. Carlos Mendes, presidente da Câmara de Torres Novas e deputado, e o arquitecto João Antunes, da Câmara de Lisboa, então encarregado da orientação arquitectónica do Santuário.

(10) O monumento que hoje se vê no meio do recinto e sobre o qual se encontra a estátua do Sagrado Coração de Jesus foi ali colocado provisoriamente. Não consta de qualquer projecto. A sua colocação obedeceu apenas ao desejo e orientação do sr. cônego Amílcar Martins Fontes, antigo reitor do Santuário. O projecto oficial da regularização do recinto não previa ali qualquer monumento nem mesmo o fontanário.

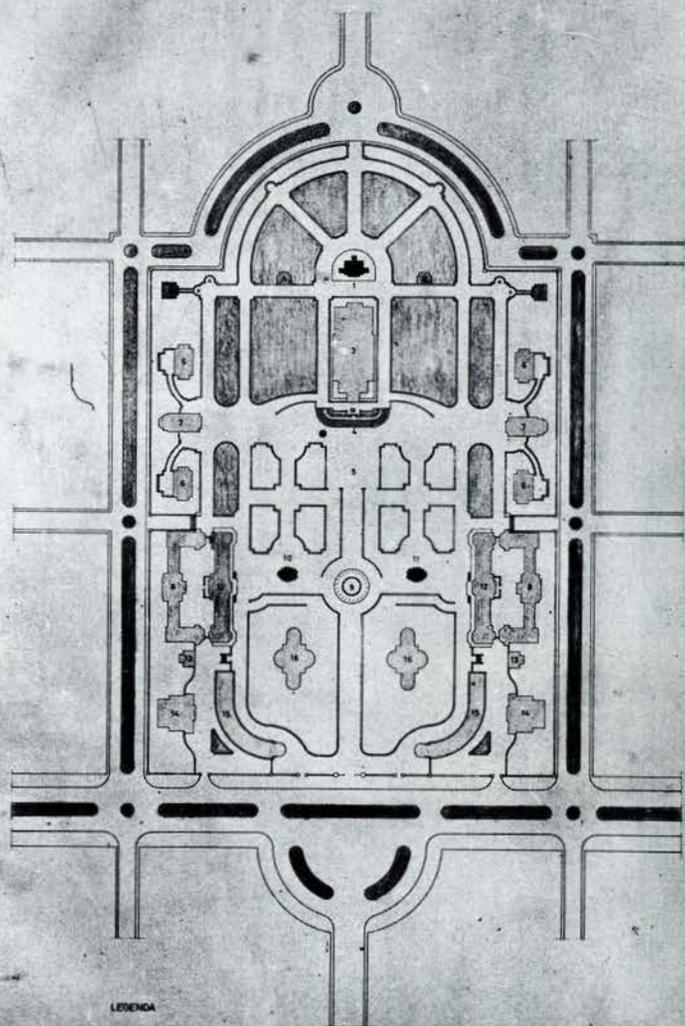
(11) A falta de aprovação do Plano de Urbanização não se pode atribuir exclusivamente à falta de interesse por Fátima, por parte do Município de Vila Nova de Ourém. A dependência da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, os estudos que houve a elaborar, a rotina dos processos e a burocracia de tantas repartições originou os longos anos de espera com os inconvenientes que daí resultaram.

(12) Por altura das comemorações cinquentenárias. O arquitecto João Antunes, em carta escrita do Senhor D. João Pereira Venâncio, actual bispo de Leiria, esclareceu vários pormenores relativos às obras que a história de Fátima tem muito interesse em registar: «... Julgo ser do seu conhecimento que ao ser convidado para prestar serviço no Santuário, encargo que tomei sem receber honorários, já encontrei várias obras feitas, outras iniciadas, algumas por principiar e outras previstas mas ainda sem projecto. Entre as que estavam em andamento e já em estado muito adiantado, como sabe, era a Basílica, obra esta principada pelo autor do projecto sr. Kriken; depois do falecimento daquele professor do Ensino Técnico, os trabalhos foram prosseguindo, orientados por arquitectos cujos nomes estão indicados num número antigo de «A Voz do Domingo» e depois, do afastamento daqueles arquitectos, por pedreiros, até eu entrar em serviço.

A minha acção no que se refere à Basílica resumiu-se a orientar o prosseguimento dos trabalhos segundo o projecto que encontrei procurando melhorar o que era possível, visto o sr. Kriken, por não ser católico, ter omitido certos pormenores que interessam à construção de igrejas para o serviço de Deus.

Sabe também o sr. Bispo e não ignoram muitos dos srs. padres responsáveis pelos destinos da Cova da Iria que, por ser uma das já poucas pessoas vivas, das muitas que tiveram a dita de testemunhar a última aparição, por isso mesmo e ainda por estar ligado à Diocese, sempre dei o melhor do meu esforço ao Santuário, sem receber qualquer benesse. Mas esta verdade não contou e as notícias postas a correr, em especial na ocasião da vinda de Sua Santidade, além de erradas, brigam com a minha personalidade. Até deram a entender que o projecto da Basílica foi traçado pelo Sr. Kriken com a minha colaboração, tudo isto agravado com a insídia grotesca de que houve vontade de efectuar bom trabalho, mas..., mas sr. Bispo é bom que o inconsciente informador saiba que o sr. Kriken era apenas um simples professor de desenho, fez o que lhe era possível.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA
ANTE-PROJECTO DE URBANIZAÇÃO
DA COVA DA IRIA



LEGENDA

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| A - REITORIA | 12 - CAPELA DAS ANIMAÇÕES |
| B - CASA DOS GUARDAS | 13 - MONUMENTO A N. S. DE F. |
| 1 - MONUMENTO VOTIVO | 14 - HOSPITAL |
| 2 - CENTRAL ELÉCTRICA | 15 - POSTOS MÉDICOS |
| 3 - BASÍLICA | 16 - RECOLHA DE CARRIOS |
| 4 - ALVAR | 17 - ARTEFICIAIS |
| 5 - RECINTO PARA OS DOENTES | 18 - FONTANINOS |
| 6 - LAVABOS | |
| 7 - ARMÁRIOS | |
| 8 - METROS | |
| 9 - MONUMENTO AO S. C. DE J. | |

ESC. 1/1000

Anteprojecto de urbanização do Santuário de Fátima, publicado no «Jornal de Notícias», do Porto, de 2 de Junho de 1939, com a entrevista de Paulo Freire. Não tem assinatura. No jornal é identificado como anteprojecto do architecto do Santuário, sr. João Antunes.

Haja no entanto uma apreciação justa; o trabalho do sr. Kriken tem valor, foi projecto elaborado numa época em que mamarrachos da Arte Nova eram repudiados e o sr. D. José sempre me proibiu de lhe apresentar projectos cubistas. Mau serviço na Basílica, a qual ainda está incompleta, foi a alteração das arcadas da frente.

Sr. D. João, creia: na Cova da Iria a Catedral é o recinto cuja Capela-Mor é a Basílica

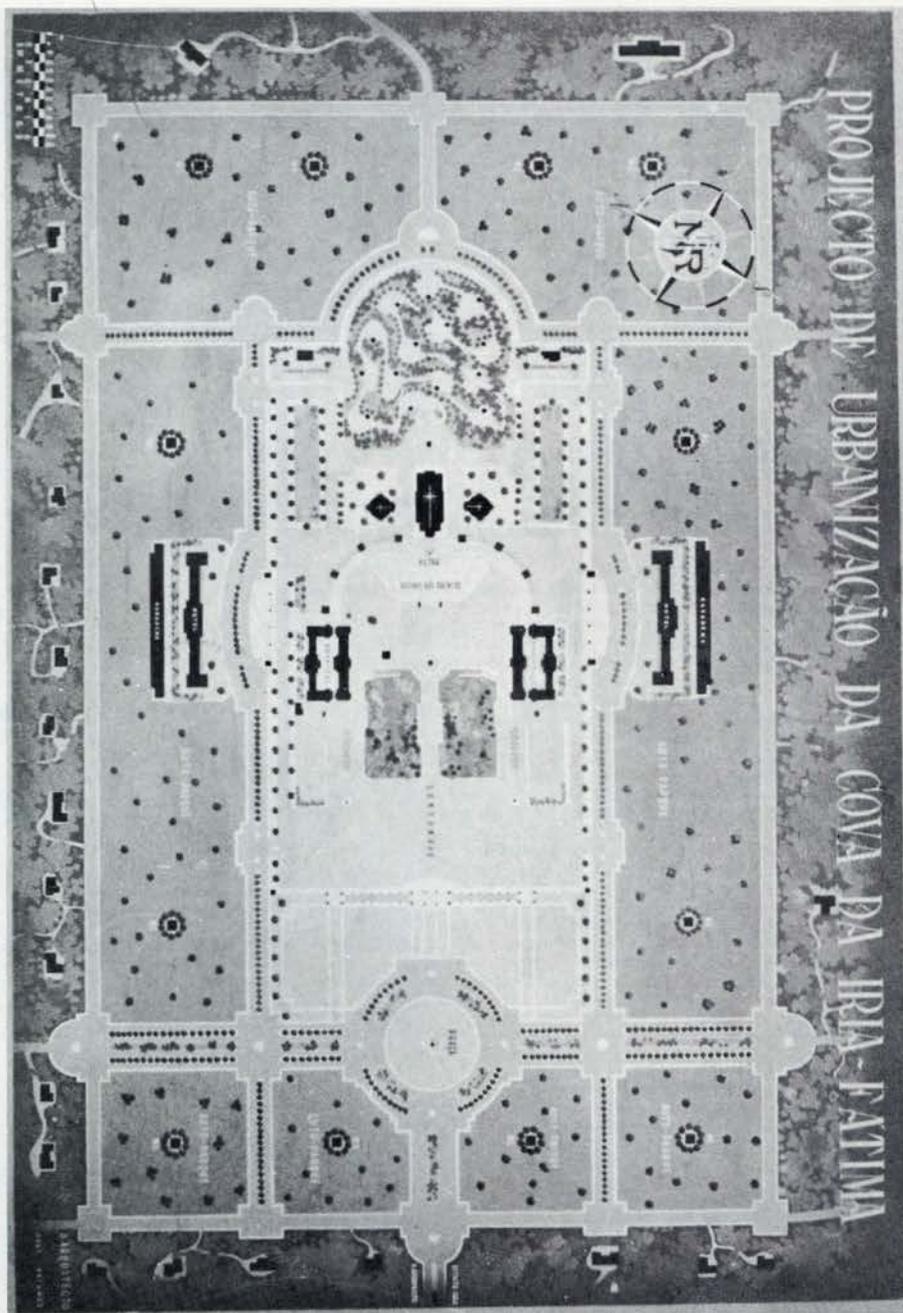
Sabe igualmente V. Excia. Revma. e sabem todas as pessoas que comigo privaram durante a minha acção em Fátima que nunca cheguei a conhecer o sr. Kriken, por isso quem deu as informações aos jornalistas baseou-se certamente no que anteriormente havia sido tornado público, conforme acima digo, ou quis ser-me desagradável, sem que eu saiba a razão. A refor-

çar esta ideia está o facto de não se citar o nome dos meus antecessores depois do desaparecimento de Van Kriken.

Atribuíram a outro técnico a construção das abóbadas de pedra, quando esse trabalho de pedraria é da minha lavra. Dei a indicação ao Sr. eng. Melo da firma alemã que poderia tratar da estrutura metálica para a abóbada da nave, cujo assentamento ele dirigiu, mas o estudo estereotónico de todas as abóbadas e respectiva colocação é meu, não se devendo esquecer que o sr. Kriken previu abóbadas de madeira, e projecto meu é também a forma da ligação das pedras ao betão armado.

Procuraram tirar-me o que projectei e construí. Ocultaram o meu interesse por Fátima que servi de graça, indo ao ponto de entregar ao Santuário as percentagens que os fornecedores

Projecto de Urbanização da Cova da Iria — Fátima, da autoria do arquitecto João Antunes. Embora o intitule de projecto da urbanização da Cova da Iria, o autor ignorava a povoação já existente à data em que o elaborou 1945-1946.



davam o que me custou muitos dissabores originados por empreiteiros.

Mais ainda, esconderam o projecto que organizei da Urbanização de Fátima o qual incluía a colonata, cuja ideia foi depois copiada por outro técnico. Naquele projecto mantinha o terreno da esplanada com a inclinação natural por causa de facilitar a visibilidade e além de outras conveniências para bem das procissões, mantinha os Algares, por serem escoantes naturais das águas das chuvas, sem necessidade de canalizações caras e sujeitas a entupimento com areias, como sucedeu. Por conhecer bem o local e firmado na desejo de defender os interesses do Santuário, fui contrário à construção do enorme órgão que veio da Itália, pago a peso de ouro, pois tratava-se de

um órgão eléctrico que a poeira do Verão e a humidade no inverno muitíssimo danificariam. No entanto, e apesar das represálias com que fui mimoseado dei sempre o melhor do meu esforço ao seu assentamento. A atestar estas verdades há as cartas do saudoso sr. D. José que interessam à história do Santuário e também as do sr. eng. Melo.

Para a rectificação a que tenho direito serve a descrição da minha acção em Fátima, que oportunamente entreguei ao sr. cônego Amílcar, quando era reitor do Santuário e que injustamente serviu para os artigos vindos a lume na «Voz do Domingo» e na «Stella» a que já aludi. Nela indiquei as obras da minha autoria. Desejo que apenas se me faça justiça e sem quaisquer elogios, isto porque a injustiça e a maldade de que fui vítima, causaram-me prejuízos de vária ordem, hoje irreparáveis.»



Em cima — Casa onde nasceram os dois irmãos Jacinta e Francisco Marto, que viram Nossa Senhora na Cova da Iria.
Em baixo — Estado em que se encontrava o ataúde com os restos mortais da Jacinta, ao ser retirado do mausoléu do cemitério de Fátima, em 30 de Abril de 1951, quando o corpo da vidente, praticamente incorrupto, foi trasladado para o jazigo na Basílica.





Nossa Senhora e os
pastorinhos. Vitral
da Basílica de Fá-
tima. Na capa—
Monumento do
Anjo e os videntes.